



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO EM ARTES

PATRICIA ABUD SOUZA

CONSTRUINDO MEMÓRIAS: produção de álbum *objetoartisticográfico* ilustrando a vida e morte das memórias de uma família libanesa em Belém.

BELÉM - PA

2020

PATRÍCIA ABUD SOUZA

CONSTRUINDO MEMÓRIAS: produção de álbum *objetoartisticográfico* ilustrando a vida e morte das memórias de uma família libanesa em Belém.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Artes. Linha de Pesquisa: Teorias e Interfaces Epistêmicas em Artes.

Orientadora: Prof. Dra. Maria dos Remédios de Brito.

BELÉM - PA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA

S729c Souza, Patrícia Abud.

Construindo memórias: produção de álbum *objetoartisticográfico* ilustrando a vida e morte das memórias de uma família libanesa em Belém / Patrícia Abud Souza. – 2020.

Inclui bibliografias.

Orientadora: Profa. Dra. Maria dos Remédios de Brito.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2020.

1.Fotografia-Pará. 2. Libaneses. 3. Memória. 4. Luto. I. Título.

CDD 23. ed. - 778.98115



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.

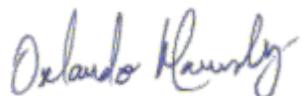
Aos vinte e oito (28) dias do mês de janeiro do ano de dois mil e vinte e um (2021), às dez (10) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós- Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se remotamente, sob a presidência da orientadora professora doutora Maria dos Remédios Brito, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Patrícia Abud Souza, intitulada: **Construindo memórias: produção de álbum *objetoartisticográfico* ilustrando a vida e morte das memórias de uma família libanesa em Belém.**, perante a Banca Examinadora composta por Maria dos Remédios Brito (Presidente); José Denis de Oliveira Bezerra (Examinador interno); Orlando Franco Maneschy (Examinador Interno); Antônio Carlos Amorim (Examinador Externo à Instituição). Dando início aos trabalhos, a professora doutora Maria dos Remédios Brito, passou a palavra a mestranda, que apresentou a dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, APROVADA com conceito BOM. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora doutora Maria dos Remédios Brito agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela mestranda. Belém-PA, 28 de janeiro de 2021.

A handwritten signature in blue ink, which appears to read 'Maria dos Remédios Brito'.

Prof^ª. Dr.^ª MARIA DOS REMÉDIOS BRITO



Prof. Dr. JOSÉ DENIS DE OLIVEIRA BEZERRA



Prof. Dr. ORLANDO FRANCO MANESCHY



Prof. Dr. ANTONIO CARLOS AMORIM



PATRÍCIA ABUD SOUZA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai Carlos Benedito Marinho Souza, o professor desta instituição de ensino, mais brilhante que já conheci, o pai mais severo e amigo, a pessoa que sempre me espelhei. Que antes da qualificação me perguntou o que ele precisava fazer pra entrar na minha dissertação, perguntou se era morrer, e agora ele esta aqui, na parte mais especial dela.

Aos meus bisavós, que se não fossem eles terem vindo para o Brasil não teríamos história para contar.

E ao meu avô, que agora é o passarinho mais lindo do céu.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais, a minha mãe por sempre me apoiar em todas as minhas escolhas acadêmicas, e ao meu pai (*in memoria*) por sempre ter me feito lutar pelos meus objetivos.

A Deus que de deu oportunidade de ter saúde para terminar este trabalho.

Aos meus familiares por terem contribuído e muito, abrindo suas estórias e seus corações.

A minha orientadora Maria dos Remédios por ter sido extremamente compreensiva, paciente e parceira nesse processo.

E em especial ao meu noivo Antonio Wilson, que desde quando resolvi fazer essa Pós-graduação, me deu muitas puxões de orelha pra eu não desistir.

“A arte conserva o tempo e a emoção”.

NEDER CHARONE

SOUZA, Patricia A. **Construindo memórias: produção de álbum objetoartisticográfico ilustrando a vida e morte das memórias de uma família libanesa em Belém** [dissertação]. Belém - Pa. Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Federal do Pará; 2021.

RESUMO

A presente pesquisa busca entender o envolvimento afetivo que uma família descendente de imigrantes tem com suas fotografias, através das memórias que as mesmas carregam, tomando como apoio para o trabalho artístico o processo de luto e do esquecimento. Para isso, foi necessário fazer um apanhado histórico da imigração libanesa no Brasil e no Pará, através de pesquisa bibliográfica e fotografias jornalísticas, além de identificar o quão é importante em um grupo familiar a preservação das recordações. Ao longo desta pesquisa procuro estabelecer um diálogo entre autores como José Alberto Buchabiqui e Assaad Zaidan que trata sobre a imigração libanesa; Edgar Morin e Henry Bergson que falam sobre a questão da memória individual, perda de individualidade; relacionado à questão da morte, Maurice Halbwachs e Fernando Catroga como base para a memória coletiva, já Philippe Áries, João José Reis, Charles Feitosa, Roland Barthes, Maria Eliza Borges, Boris Kossoy, Jay Ruby, Michel Vovelle e Koury tratam de questões relacionadas a costumes fúnebres, inclusive na arte e na história da fotografia, Yosef Hayim Yerushalmi falando sobre esquecimento; e, por fim, como o processo de luto pode ser trabalhado dentro da arte, através de estudos de Hanna Segal e Sigmund Freud.

PALAVRAS-CHAVES: Memória, imigração, fotografia, luto, arte.

SOUZA, Patricia A. **Building memories: production of objectartisticographic album illustrating the life and death of the memories of a Lebanese family in Belém** [dissertation]. Belém - Pa. Postgraduate Program in Arts, Federal University of Pará; 2021.

ABSTRACT

The present research seeks to understand the affective involvement that a family descendant of immigrants has with their photographs, through the memories that they carry, taking as a support for the artistic work the process of mourning and forgetting. For this, it was necessary to make a historical overview of Lebanese immigration in Brazil and Pará, through bibliographic research and journalistic photographs, in addition to identifying how important the preservation of memories is in a family group. Throughout this research I try to establish a dialogue between authors such as José Alberto Buchabiqui and Assaad Zaidan that deals with Lebanese immigration; Edgar Morin and Henry Bergson who talk about the issue of individual memory, loss of individuality; related to the issue of death, Maurice Halbwachs and Fernando Catroga as the basis for collective memory, already Philippe Aries, João José Reis, Charles Feitosa, Roland Barthes, Maria Eliza Borges, Boris Kossoy, Jay Ruby, Michel Vovelle and Koury deal with related issues funeral customs, including art and the history of photography, Yosef Hayim Yerushalmi talking about forgetfulness; and, finally, how the mourning process can be worked within art, through studies by Hanna Segal and Sigmund Freud.

KEYWORDS: Memory, immigration, photography, mourning, art.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Capa álbum	17
Imagem 2 - 1 Página	18
Imagem 3 - 2 Página	19
Imagem 4 - 3 Página	20
Imagem 5 - 4 Página	21
Imagem 6 - 5 Página	22
Imagem 7 - 6 Página	23
Imagem 8 - 7 Página	24
Imagem 9 - 8 Página	25
Imagem 10 - 9 Página.....	26
Imagem 11 - 10 Página.....	27
Imagem 12 - 11 Página.....	28
Imagem 13 - 12 Página.....	29
Imagem 14 - 13 Página.....	30
Imagem 15 - 14 Página.....	31
Imagem 16 - 15 Página.....	32
Imagem 17 - 16 Página.....	33
Imagem 18 - 17 Página.....	34
Imagem 19 - 18 Página.....	35
Imagem 20 - 19 Página.....	36
Imagem 21 - 20 Página.....	37
Imagem 22 - 21 Página.....	38
Imagem 23 - 22 Página.....	39
Imagem 24 - 23 Página.....	40
Imagem 25 - 24 Página.....	41
Imagem 26 - 25 Página.....	42
Imagem 27 - 26 Página.....	43
Imagem 28 - 27 Página.....	44

Imagem 29 - 28 Página.....	45
Imagem 30 - 29 Página.....	46
Imagem 31 - Sobrenome de famílias libanesas no Brasil "A" e "B"	52
Imagem 32 - Sobrenome de famílias libanesas no Brasil "C" a "F"	52
Imagem 33 - Sobrenome de famílias libanesas no Brasil "N" a "S"	53
Imagem 34 - Sobrenome de famílias libanesas no Brasil "H" a "M"	53
Imagem 35 - Sobrenomes de famílias libanesas no Brasil "T" a "Z"	54
Imagem 36 - Capa Álbum Comparativo	58
Imagem 37 - Album Comparativo	59
Imagem 38 - Avô lendo quadrinhos	64
Imagem 39 - Avó no caixão	70
Imagem 40 - Avós sentados em frente à casa	70
Imagem 41 - Família Lameda Abud.....	72
Imagem 42 - Vanessa em seu aniversário de 8 anos.....	74
Imagem 43 - Estante de casa	77
Imagens 44, 45 e 46 - Fotos mensagens de 7º dia de falecimento de familiares e amigos.....	78
Imagem 45 - Altar mexicano cemitério Mixquic - México	79

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 IMIGRANTES LIBANESES NO BRASIL	47
1.1 A imigração Libanesa	47
2.2 Cultura.....	55
2.3 Registro Imagético.....	57
3 MEMÓRIA DE AFETO	62
3.1 Individual	62
3.2 De Família	67
3.3 De Luto.....	73
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA.....	83
4.1 Processo de produção de artista em luto.....	83
4.2 Álbum de família.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	140
ANEXO	142

1 INTRODUÇÃO

O trabalho nasceu de um processo de observação e experiência ao longo de minha vida, principalmente a acadêmica, pois meu interesse pela cultura e pela arte se desenvolveu, de fato, a partir do meu ingresso na universidade, onde comecei a observar situações que antes já me comoviam de alguma forma, porém eu não percebia.

Minha relação familiar é uma questão que mexe muito, emocionalmente, comigo, pela história da mesma, resistência, união e amor que temos uns pelos outros. Não sou inocente ao ponto de achar-nos uma família perfeita, pelo contrário, somos pessoas com diversas imperfeições, que aprenderam a conviver com as imperfeições uns dos outros. Pois, entre todos nós, havia algo em comum, que unia toda nossa família, meu avô Alfredo Nazir Abud.

Com isso, através da história de minha família, venho refletir sobre minha relação com a imagem fotográfica e as memórias que a mesma me desperta, explanando assuntos relacionados à história da imigração libanesa no Brasil e no Pará, memória afetiva familiar e a questão da produção artística de um artista em luto. Mostrando algumas produções artísticas, produzidas por mim, ao longo de minha descoberta como alguém sensível. Obras que tratavam de temas como a solidão, o esquecimento e a morte.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, pude observar que a imagem fotográfica teve e tem várias funções. Ela pode ter um caráter de lembrança, registro histórico ou documental e até mesmo como conforto aos familiares. Entretanto, considero, também, a fotografia como construção de memória que, como tal, apresenta vestígios simbólicos e formais do passado, e que dependendo da forma que ela é utilizada, pode se tornar outro tipo de objeto artístico.

Acredito que a importância deste estudo se deve a questão de não sabermos como se encontram nos dias atuais essas famílias das pessoas que imigraram para o nosso país e muito menos para o nosso estado, se a mesma não for reconhecida por algum feito ou *status* social se torna praticamente esquecida. Sei que meu estudo é algo bem pequeno com relação à infinidade de

famílias de imigrantes que se encontram, por exemplo, na região Metropolitana de Belém, mas espero que ele seja pelo menos um início de estudo poético dessas famílias.

Para dar base teórica ao trabalho, com assuntos relacionados à imigração libanesa, através de conceitos de teóricos que estudam sobre o assunto, como o autor José Alberto Buchabiqui (2011), que trabalha com a imigração libanesa no Brasil e Assaad Zaidan (1989) que trata sobre a imigração libanesa no Pará.

Nas questões relativas à memória pessoal são trabalhados os estudos de Edgar Morin (1970), que destacam a perturbação ocasionada pela consciência da perda da individualidade diante da realidade da morte. Nesse sentido, ao representarem o morto, as imagens produzem, a cada novo olhar, uma lembrança reatualizada por parte dos familiares. Já memória individual é pensada através dos estudos de Henry Bergson (1990), que nos mostra que a lembrança se transforma na medida em que se atualiza.

Com relação à memória coletiva, as pesquisas de Maurice Halbwachs (2013) são pensadas a partir da investigação dos diferentes pontos de referência que compõem nossa memória, e que a incluem na memória da coletividade da qual fazemos parte. Os pontos de referência seriam elementos da cultura de um determinado grupo que o diferenciam de outra coletividade e que fundamentam e reforçam os sentimentos de pertencimento.

A memória também é trabalhada a partir dos estudos de Fernando Catroga (1999), para quem a memorização é um processo de interiorização, a origem de filiações e de identidades. A chamada metamemória, conjunto de recordações e imagens frequentemente ligadas às representações e que conota valores e normas de comportamento “inventados”, a partir do presente e de acordo com a lógica do princípio de realidade.

Philippe Áries (1989) fala da tendência do realismo, retrato que teve origem e prática a partir dos romanos, que só retornou no final da Idade Média. O autor caracteriza essa tendência como um caso de cultura inédito e extraordinário que se aproxima de um imaginário macabro, do amor pela vida e da vontade de ser mais.

João José Reis (1991), que trabalha com a questão da proporção barroca que tinham os velórios de Paris, mostra toda a pompa e glória desses rituais fúnebres na época.

Charles Feitosa (2004) fala do medo da morte através de suas diversas representações, como algo hipnótico/psicológico, ou seja, como uma morte externa, através da imagem da morte conhecida em quadrinhos, da caveira com uma capa preta segurando uma foice, e do medo a morte interna, se remetendo as pessoas que estão certas de que estão designadas a partir por conta de alguma doença.

As questões relativas à fotografia são trabalhados autores como Roland Barthes (1984), com suas reflexões a respeito da imagem fotográfica. Também Maria Eliza Borges (2003), que relaciona a história com a fotografia, de Boris Kossoy (2001), que discute inúmeras questões relacionadas às abordagens teórico-metodológicas referentes à fotografia. Jay Ruby (2001) fala do costume de retratar os mortos no âmbito familiar. Saldanha (1999) mostra a questão terapêutica que a imagem da morte pode trazer para os familiares, e Koury (2001) trata da imagem mortuária no Brasil como ela é vista atualmente.

Por fim utilizo a literatura de Yosef Hayim Yerushalmi (2017) para tratar de assuntos relacionados a esquecimento, onde ele vai se utilizar da literatura de Nietzsche para falar do esquecimento individual e coletivo e como o mesmo pode influenciar na história de um grupo social.

Ao trabalhar com as imagens fotográficas, pretendo não somente estudá-las como principal objeto de memória dos mortos e dos vivos, mas, também, construir uma análise a partir de todos os importantes elementos culturais e sociais que culminaram nessas imagens. Se as fotografias de mortos existem é porque há uma demanda social que atribui valores a estas imagens. Nesse sentido, ao longo do trabalho, é possível perceber os diversos elementos sócio-culturais que serão relacionados com minha vida e meus trabalhos artísticos, através de mostras de imagens com a temática.

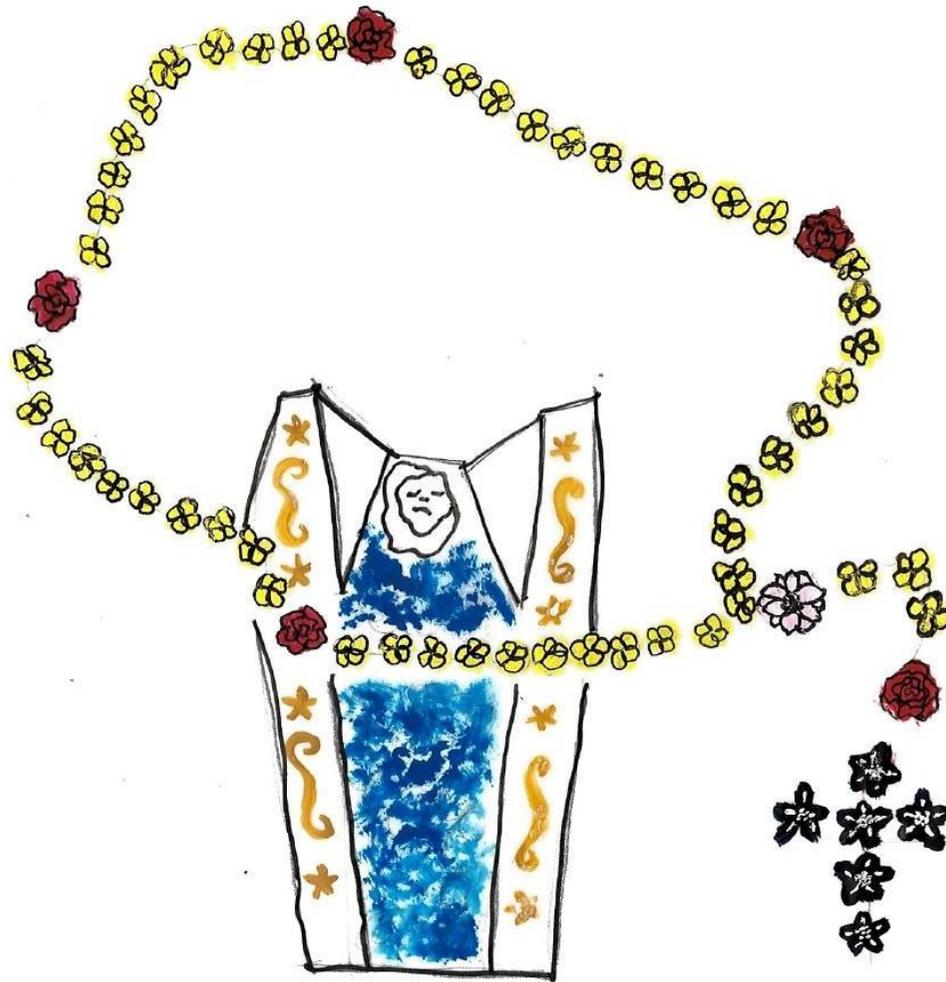
Contudo, apesar da fotografia mortuária ser um dos principais focos dentro da pesquisa, por a mesma sido o início, há outras temáticas a serem abordadas principalmente ao se tratar de memória, pois são elas que servirão de resgate da imagem corpórea e incorpórea das pessoas e situação citadas no mesmo. Lembrando que a história contada das imagens é importante nesse processo de resgate histórico.

Imagem 1 - Capa álbum



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 2 - 1 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 3 - 2 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Carta aos meus bisavós José e Maria.

Queridos bisavós,

não cheguei a conhecê-los, mas sou muito grata por terem vindo para o Brasil onde constituíram sua família onde me deu um avô maravilhoso, seu filho Alfredo Nazir Abud, que de sua união com minha avó Esmeraldina nasceu nossa família (minha mãe), Waléria, Waléria, Waldir, Waldir, Waldir e Waldir e adotaram mais um que não carrega o sobrenome Abud mas é tão da família e amado quanto se tivesse nascido de minha avó o Valdo.

Imaginem que esta quantidade de filhos gerou uma quantidade imensa de netos; 18, e esses netos estão formando suas famílias e os netos que ainda não tiveram filhos já são 15! É ainda falta

essa família é muito grande, gostamos de estar juntos nas datas comemorativas ou sempre que dá, hoje já não tanto quanto quando eu era criança pois alguns já não moram na mesma cidade mas sempre que dá nos reunimos. Tivemos muitos momentos felizes outros tristes, já não temos conosco mais José e Waldir os filhos primogênitos e caçula de vôô que faleceram já há alguns anos e minha amada avó Esmeraldina que esse ano nos deixou, sei que é a luza da vida mas, nunca estamos preparados para perder alguém que amamos mas continuamos vivendo bem e esperando um Deus poder comemorar os 100 anos do seu filho Alfredo meu avô querido que amamos muito! É que também nos ama demais.

Espero que um dia nos encontremos todos ao lado de Deus e partamos juntos toda a família, como disse no início sou grata a vocês por terem vindo para o Brasil apesar de saber que não vieram pela vontade própria e sim em busca de uma vida melhor, mas graças a esta situação pudemos todos nascer nesta família e viver bem e constituir nossas próprias famílias.

Walerissa

Imagem 5 - 4 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 6 - 5 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 7 - 6 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 8 - 7 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 9 - 8 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 10 - 9 Página

Carta para recordar

Temos muito o que recordar de nossa infância e juventude
 lembro que quando eramos crianças papai tirava férias
 junto conosco em julho para que pudéssemos ir para Capoeira
 - mais (15 dias) e Salinas os últimos 15 dias.

Íamos para Capoeira porque os nossos avós jáio da
 papai moravam, lá e papai não abria mão dessas férias
 porque vovô ficava nos esperando avôzinhos, ele sempre dizia
 que seus netos eramos nós filhos do seu filho, pois seu
 nome iria se perpetuar através de nós.

Os outros 15 dias íamos para Salinas, naquela época
 se falava que em Salinas havia uma lava milagrosa que
 curava qualquer dorça, como nós temos uma irmã espe-
 cial papai e mamãe iam atrás de cura através da
 lava, mas para nós crianças aquilo era uma festa, se lambu-
 -bar todo com aquela lava preta e depois caia na água
 ralçada da praia, nos divertíamos muito com isso.

Para de época de férias papai sempre planejava viagens
 para os pais de um dia, dávamos os diólos de madrugada
 e voltávamos os 16:00hs, tudo isso para nos tinha um grande
 significado, que era a presença constante de nosso pai e nossa
 mãe conosco.

Imagem 11 - 10 Página

Quando não podia de aventura de holder nos blocos no
 como da companhia (Texas) que ficava com ele e nos domingos
 lá passava com a Mãe e Mamãe na cidade.

Logo pai era incansável, vivia para mamãe e os filhos.

Logo fazia por nos todos, por ele todos os filhos chegariam
 a uma universidade, mas poucos realizavam seu sonho

Logo que quando passei no vestibular em odontologia mesmo
 sem muitas provas meu pai não deixou que nada faltasse
 para eu concluir o curso e assim eu realizei meu sonho
 de uma universidade.

Quanta saudade tenho de tudo isso, não esqueço que o
 tempo passou tão rápido e que nos seguíssemos caminhos
 tão diferentes, mas uma coisa é muito legal, que apesar dos
 caminhos divergentes que cada um seguiu o ponto de en-
 contro é e sempre será a casa do papai e da mamãe.

Walnira Camila Abud.

Imagem 12 - 11 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 13 - 12 Página

SOBRE A FAMÍLIA ABUD

QUERIDO BISAVÔ, HÁ TANTA COISA A DIZER, PORÉM VOU FALAR SOBRE UMA COISA QUE ME TRAZ BOAS LEMBRANÇAS, MAS QUE HOJE ME DEIXA PREOCUPADO, SÃO OS ALMOÇOS DE DOMINGO NA CASA DO VÔ NAZIR E DA VÔ ESMERALDA.

QUANDO EU ERA CRIANÇA A NOSSA FAMÍLIA ERA MAIS UNIDA E NÓS REUNIÁMOS EM QUASE TODOS OS FIMANES DE SEMANA PARA ALMOÇAR, E O QUE EU MAIS GOSTAVA ERA EM OS ALMOÇOS QUE CONTINHAM AS COMIDAS ÁRABES, COMO QUIBES (FRITOS, ASSADOS & CRU), CHARUTO, BERINJELAS RECHADAS E TABOLES. COM EMBORA É DAI QUE VENHO O MEU LADO COINHEIRO, O MEU GOSTO POR ESPECIARIAS, O GOSTO POR COMIDAS DO ORIENTE MÉDIO; ESPERO PODER UM DIA IR AQUELA REGIÃO (SÍRIA, LÍBANO) PARA PODER SENTIR OS AROMAS E SABORES DAS MINHAS RAÍZES.

HOJE EM DIA, EU TENHO UMA CERTA TRISTEZA, UM CERTO VAZIO, POIS APÓS A PERDA DO TIO NINI A CASA FICOU MAIS TRISTE. E HOJE COM A PERDA NESTE ANO DA VÔ ESMERALDA E COM A IDADE AVANÇADA DO VÔ NAZIR (98 ANOS) JÁ NÃO TEM SAÚDE FÍSICA E MENTAL PARA ESSAS REUNIÕES TEMO QUE ISSO SE PERCA QUE ESSA UNIÃO QUE TINHAMOS DEIXE DE EXISTIR.

ESPERO QUE O QUE ESTOU RELATANDO AQUI SE REVERTA E QUE POSSAMOS UNIR NOVAMENTE ESSA FAMÍLIA QUE TEM O SANGUE QUENTE, QUE É CABEÇA DURA, RESO PARA QUE O SENHOR, A VÔ ESMERALDA, O TIO NINI, E TODOS OS OUTROS ANTE PASSADOS NOS ILUMINEM HOJE E SEMPRE. AMÉM

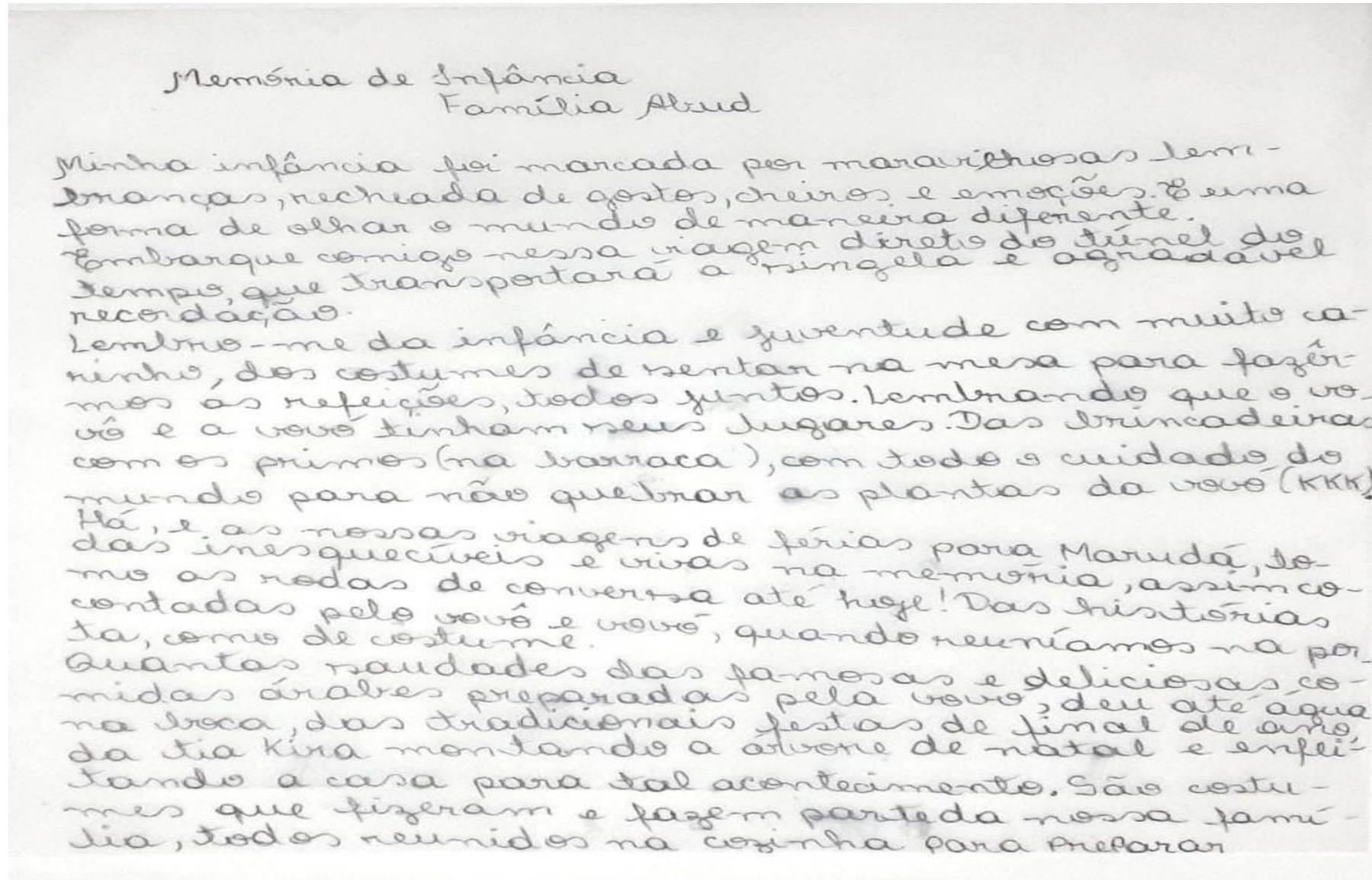
Wafael Abud Kleber

Imagem 14 - 13 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 15 - 14 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

as comidas da via, das tortas salgadas, dos cremes de cupuaçu, dos canudinhos recheados e da famosa e tradicional "taça da felicidade".

Como não lembrar da tia Nira, que desde criança me influenciou a amar saltos, entrava em seu ner ser dentista por influência dela! Porém, minha vocação era ser professora, que amo e vou realizar não que faço.

Não poderia deixar de registrar meu carinho especial pelo tio Mike, um ser humano mais que especial, um cheiro de infância, nas férias era nosso patrocinador de fichas de dilhar, das famosas "orelhas" do Eduardo, que sinto o sabor do de lembrar. Não assustem, era só um doce, que faz parte da minha infância. Entendedores, entenderão!

Tia Chiquita e Tio Fred, como referência de casal, no sentido de demonstração de carinho e afeto, levei isso para minha relação, até hoje. Sou grata pela influência, sem deixar de lado a famosa quaraquaque de quateruba, receita de infância, sempre patrocinada pelo Tio Fred, não faltava. Lembrando que essa receita nempeu barveiras, vinda para Cuiabá (MT).

Quantas lembranças marcantes pude descrever até então, minha palavra-chave não poderia ser outra: *snatidão*:

Imagem 17 - 16 Página

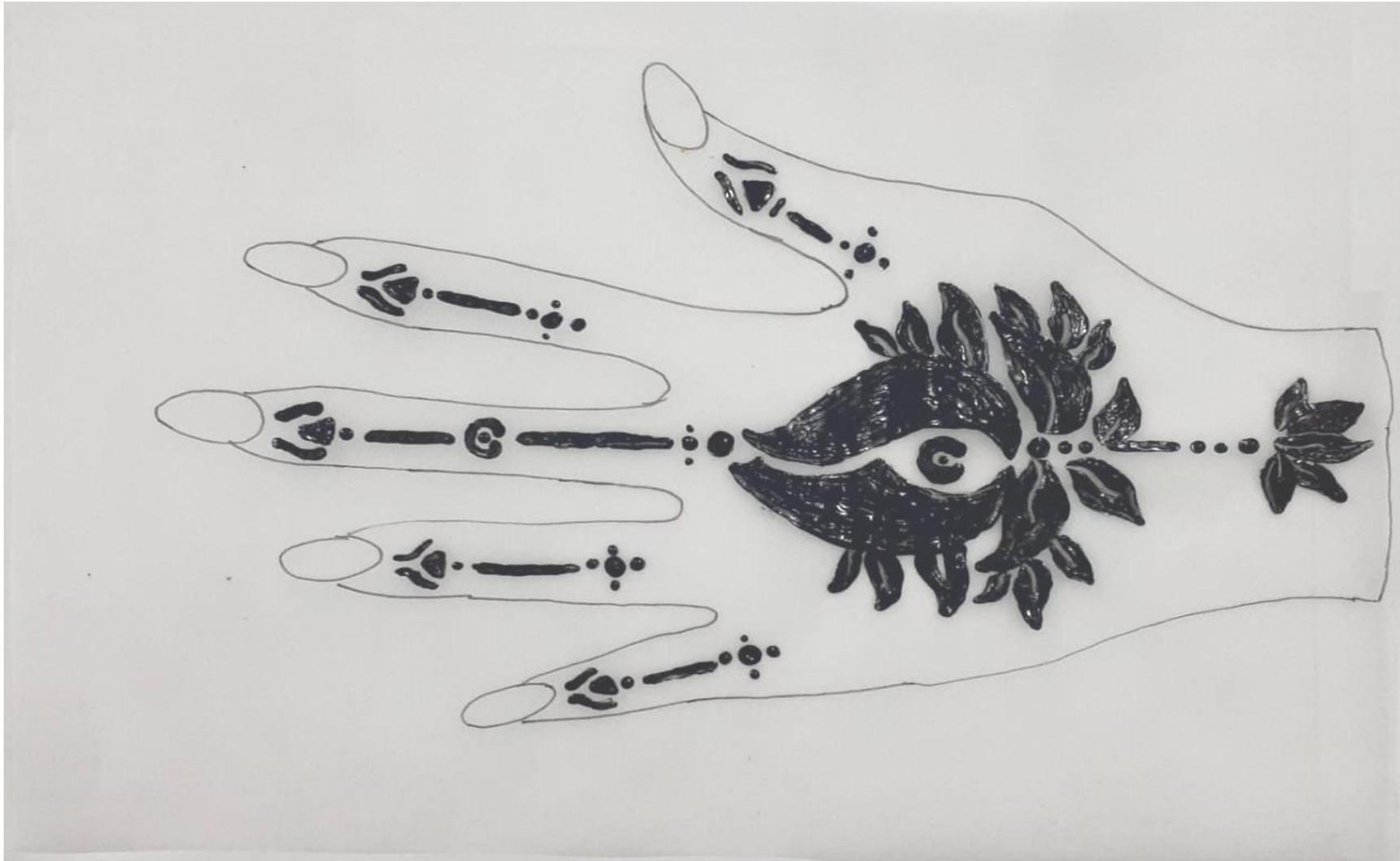
Aos meus pais, que amo ao infinito e além! À minha
 mãe, sempre batalhadora, amiga e guerreira.
 Ao meu pai, meu eterno herói, que estará sempre
 vivo em meu coração, te amo sempre e para sem-
 pre!
 Meus avós e padrinhos que tenho um respeito imen-
 so! Ao meu avô, pessoa íntegra, um exemplo de
 homem. A minha avó, sempre companheira, fiel
 e religiosa. Hoje está cuidando com muito carinho
 do meu querido e amado pai e meu amado tio
 Nini, que foi um cara que contagiou a todos com
 sua alegria. Confesso, pareço com ele também.
 A tia Mira, que sempre foi carinhosa comigo e tem
 uma até hoje falando meu nome: "Oiii Salminada"
 minha sobrinha querida!
 Ao Tio Waldir, sempre caladão, na dele, porém com
 um coração gigante e sempre batalhador.
 Ao Tio Walfredo, sempre muito carinhoso e que rea-
 lizou um dos meus sonhos de juventude, o de ga-
 nhar um tênis de marca. KKK
 Aos meus tios e tias que de uma maneira ou de
 outra influenciaram na minha trajetória e
 contribuíram para a minha construção como
 ser humano.

Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 18 - 17 Página

A cada um dos meus primos e primas, deixo um
 imenso agradecimento, por terem feito da minha
 infância e juventude uma aventura deliciosa
 de ser recordada.
 Aos meus avós, como não ser grata eternamente,
 por terem feito parte de forma sólida, concreta
 e referencial de família para mim.
 Aos meus pais, serei eternamente grata por tudo
 que vocês dedicaram a mim. Tenho orgulho de ser
 filha de vocês, e muita admiração pelo que de-
 us me concedeu. Obrigada por tudo. Amo vocês!
 As minhas amadas irmãs, que contribuíram e
 companheirismo e amor, amo vocês e sou mu-
 to grata por estarem comigo em todos os momen-
 tos da minha vida! As Abudetes do papai!
 Sou grata por ter nascido em uma família
 que seu lema sempre foi "um por todos, e to-
 dos por um."
 Quantas experiências passamos juntos, apre-
 dizados levados para a vida toda, deixei re-
 gistrado o meu carinho por cada um. Amo vocês
 com amor, Sabrina Abud

Imagem 19 - 18 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 20 - 19 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 21 - 20 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 22 - 21 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 23 - 22 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 24 - 23 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Quero agradecer aos meus pais tudo que eles fizeram por nós, eu lembro vagamente que iamos para casa do vovô (João Abud) e vovó (maria Abud) nas férias nós e nossos primos que moravam lá aproveitávamos bastante, a casa deles tinha uma sala grande e três quartos e a cozinha tinha um fogão de lenha, uma mesa que era lá que todos nós almoçávamos e o quintal do vovô era imenso tinha muitas frutas, quando os meus avós faleceram nós só iamos as vezes.

Já que não tinha mais eles o nosso pai sempre gostava de nós levar para praia um final de semana e nós iamos alegres e satisfeitos com aquele passeio e o papai nos levava nos no carro da TEXACO era da firma onde ele trabalhava, ele e a mamãe com a vovó Eliza que era a mãe da mamãe, iam na frente e nós iamos atrás eu e meus irmãos todos felizes pelo passeio que nós fazíamos.

Aos domingos quando ficávamos em Belém nos passeávamos na cidade mesmo ele nos levava para onde trabalhava e por lá tinha lombada e nós dizíamos pingue pongue quando passávamos era tão divertido.

O tempo foi passando quando foi um dia o papai teve que viajar e fizeram uma proposta para ele passar 4 anos em MACAPÁ e nos tivemos que ir os cinco menores que eram Waldmira, Walquiria, Waldir, Walnir e Walvir, quando nós chegamos lá e a minha mãe viu o aeroporto ela disse para o papai "é nessa cidade que nós vamos viver". Pra falar a verdade foram os 4 anos mais maravilhosos que vivemos.

Papai era um homem que adorava ler, e a minha mãe fazia de tudo em casa. Depois os meus irmãos casaram e só ficou os cinco menores minha vó Eliza faleceu e quando foi um dia eu descobri que estava com câncer, minha mãe ficou muito triste, ela não acreditava que a filha dela estava com essa doença, mais eu cheguei perto dela e disse não fique assim nós vamos enfrentar isso tudo juntas, tenha fé que isso vai passar, e meu pai não falou nada ficou calado, pensando, esse era o feito dele de enfrentar tudo que estava acontecendo. Devido a minha doença minha mãe fez uma promessa que se eu não tirasse o seu todo ela iria na missa todo os dias, até sua doença ela não parou de ir para a igreja.

Imagem 26 - 25 Página

Quando foi um dia eu falei pra ela mãe não precisa ir pra missa todos os dias a senhora já cumpriu sua promessa e ela disse não filha eu quero ir, como ela estava ficando com mal de Parkinson ela deixou de fazer o que mais ela gostava que era fazer os artesanatos dela e isso foi acabando com ela, mamãe era uma pessoa que não gostava de dar trabalho pra ninguém, como ela comentava que estava me dando muito trabalho eu dizia pra ela que os valores estavam invertidos agora era a minha vez de cuidar dela.

Mamãe foi chamada para junto de nosso pai celestial e apesar de todos os acontecimentos papai está sem saber da realidade do que aconteceu.

Antes de partir ela perdeu dois filhos o mais velho e o mais novo que era o cacula e meu pai com a morte do meu irmão cacula entrou em depressão que quase nos o perdemos. Mamãe se desesperou achando que ele iria morrer mas graças a Deus isso não aconteceu.

Agora vivemos com a saudade que ela deixou, mas com a certeza de que ela está bem perto de nosso Pai celestial.

Walquíria Kamela Abud.

Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 27 - 26 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 28 - 27 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 29 - 28 Página

Acho que eu não preciso explicar muito sobre o significado de família, basta saber que é onde nossa história começa. Geral é a casa, base para o resto das nossas vidas, pois sei que existe diversas experiências. Não é todo mundo que tem a oportunidade de nascer e ter uma família para acolher. Já eu tive, ou melhor, tenho a sorte de ter mais de uma família, famílias que me alimentaram, me deram carinho e de alguma forma contribuíram para o meu desenvolvimento e para que eu conseguisse minha jornada atrás dos meus sonhos. Em especial a família Steud, onde nasceu meu pai, Waldemar Steud, e de quem herdei o sobrenome.

O meu pai foi uma figura muito importante na minha vida, pois ele foi o meu porto seguro até a minha maior idade. Foi o equilíbrio no meu processo de desenvolvimento. Promoveu minha visão de mundo e me preparou para enfrentar as lutas diárias da vida, permitindo meus possibilidades. Também teve grande influência no período da minha adolescência, que foi uma fase turbulenta e transformadora psicológica e comportamental.

Existe um ditado que diz que família é tudo igual e o que muda é somente o endereço. Este ditado é verdade. A família Steud tem como qualquer outra família, tem seus problemas, discussões, diferenças de opiniões e vários atritos, porque família de verdade tem tudo isso e mais um pouco. Mas acima disso, os nossos familiares são as pessoas mais significativas em nossa vida, no dia a dia e acalantamentos, e mais mo que eles não separam perfuras nas horas extremas, eles se juntam para que tudo faça sentido e se torna menos doloroso. São os abraços suportam as angústias e apagam os choros.

Portanto, não podemos deixar que o laço que une a família seja por o perdão, reconhecer os erros, dizer e não dizem ser mais importante que as distâncias. Família é mais do que amigos e nossa vida, e está rodeado de sentimentos verdadeiros. E se alguma mágoa surgir, fizemos que não estamos machucados, pois vale mais uma família acolhida, do que distâncias e relações das pessoas que dizem ser parentes.

Bruno Steud

Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

Imagem 30 - 29 Página



Fonte: Objetoartisticográfico, Patrícia Abud Souza (2021).

2 IMIGRANTES LIBANESES NO BRASIL

1.1 A imigração Libanesa

Não se sabe ao certo, exatamente, as datas e condições dos primeiros emigrantes árabes no Brasil, mas há indícios de que a primeira leva chegou em 1860, e esta hipótese se dá pelo primeiro escritor de descendência árabe ter nascido no Brasil em 1861, trata-se de Manuel Said Ali que morreu em 1953. Também há hipóteses de que os primeiros libaneses vieram para o Brasil desde 1808, mas, oficialmente, registrou-se que os primeiros vieram para o Brasil por volta 1880, como cita José Alberto Buchabiqui (2011).

Oficialmente, a imigração libanesa começou no Brasil por volta de 1880, quatro anos após a visita do imperador Dom Pedro II ao Líbano. Entretanto, Challita surpreende ao apontar a presença libanesa desde 1808, já que se sabendo da necessidade premente de propiciar alojamento digno quando da vinda de D. João ao Brasil e que não havia um palácio digno de sua realeza, Antun Elias Lubbos oferece sua residência, hoje o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. O libanês era proprietário de terras, possuía um açougue de carne de carneiro e uma casa de secos e molhados. O local se tornou Casa Imperial Brasileira, onde nasceu Dom Pedro II (BUCHABIQUI, 2011, p.11).

A maioria dos imigrantes veio para o Brasil, com a perspectiva de melhoria financeira, pois o país estava passando pela primeira fase de urbanização e industrialização. Os primeiros imigrantes árabes vieram para o Brasil, também, por motivações políticas, pois a região havia sido dominada pelos turcos-otomanos¹. Os mesmos vieram tanto para a América, quanto para os

¹ Fruto da expansão dos árabes, o Império Turco-Otomano foi consolidado no século XIII graças a vitórias militares do guerreiro Otoman I (1258-1324). Oriundos da tribo de Ghuzz, situada no atual Cazaquistão, os otomanos empreenderam um longo processo de expansão territorial que dominou regiões da Europa, Oriente Médio e norte da África. Liderados por Ertogrul (1190 – 1281), o processo de expansão foi iniciado com a conquista da Ásia Menor. Em 1300, as forças de Otoman I obtiveram sucessivas vitórias contra os bizantinos. Sucedido por seu filho Orkhan, as tropas do Império Otomano conquistaram os centros urbanos de Bursa, Nicéia e Nicomédia. Demonstrando grandes habilidades administrativas, Orkhan firmou um exército regular remunerado pelo Estado. Em sua jornada, empreendeu uma seqüência de vitórias militares que fizeram o Império Otomano próximo dos domínios da Europa Ocidental. <Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/turca/imperio-otomano.htm>>

outros continentes e aqui no Brasil se instalaram nas ruas da Alfândega² e Ouvidor³ no Rio de Janeiro, atualmente intitulado de SAARA.

Muitos deles começaram a sua vida no país vendendo mercadorias de porta em porta como mascates, os quais, com o passar do tempo, e como o dinheiro que haviam conseguido com o ofício, conseguiram abrir seu próprio estabelecimento comercial, a grande maioria eram lojas de confecção de roupas e de tecidos.

Também havia aqueles que imigravam para fugir do controle social, como por exemplo, casar com alguém que fora escolhida pela família. Além de diversos outros motivos, como espírito de aventureiro, pessoas antissociais, pessoas contrárias ao governo, etc.

O contínuo crescimento da população foi outro fator para que sírios e libaneses deixassem o seu país. Um país essencialmente agrícola e com uma geografia árida em sua maior parte, como a Síria e o Líbano, não pode sustentar mais do que certo número de habitantes.

A emigração que começou aos poucos em algumas localidades do Líbano nos anos de 1870 a 1880, e a partir de 1890, teve uma grande repercussão, atingiu praticamente todas as aldeias, ao ponto de em algumas todos emigrarem, e esse quadro fora exposto em relatórios de igrejas como os que compuseram o “Relatório anual da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana, nos Estados Unidos da América”.

[...] A emigração, como um fermento possante, agita todas as aldeias e povoados do nosso campo. Todo o mundo está em movimento e ninguém parece disposto a ficar, desde que possam de um jeito ou de outro, arranjar dinheiro suficiente para pagar a viagem. Os sírios modernos parecem rivalizar com os seus antepassados os fenícios... Há homens, meninos, mulheres e crianças de Zahlé em todas as grandes cidades do Novo Mundo, na Austrália, e nas ilhas de todos os mares. A crônica de suas experiências formará um estranho capítulo na história da Síria moderna. Atravessaram os Estados Unidos de norte a sul, viajaram por terra do Rio de Janeiro a Montreal e Quebec, transpuseram o Pacífico de ilha em ilha em pequenos barcos, e não poucos circunavegaram o mundo e voltaram para casa via Jerusalém. As cartas que escrevem, as histórias que narram, e o dinheiro que trazem,

² Repartição pública, geralmente localizada nas fronteiras de região, país etc., onde se inspecionam bagagens e mercadorias em trânsito e onde se efetua a cobrança das taxas correspondentes de entrada e saída; aduana. <Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alfandega/>>

³ Magistrado que possuía as funções exercidas atualmente por um juiz de direito. <Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ouvidor/>>

acrescentam ímpeto ao movimento. (Relatório anual da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana, nos Estados Unidos da América, 1892, p. 264-269).

Duas foram às rotas emigratórias. A primeira, mais antiga, tinha como destino o Egito, Sudão e as colônias francesas e inglesas da África; esta era a rota preferida pelos não cristãos. A segunda conduzia os emigrantes para as Américas, Austrália e Nova Zelândia; era para onde se dirigiam os cristãos. Os relatórios de missionários de 1891 e 1892 ilustram a grande onda emigratória destes anos.

Há várias hipóteses descritas. Segundo alguns relatos, os primeiros sírios e libaneses vieram para o Brasil porque não conseguiram visto de entrada para os Estados Unidos. Muitos vieram para cá enganados pelas companhias de navegação, e eram levados para Santos ou Rio de Janeiro e só quando desembarcavam percebiam que não estavam na América do Norte. Mas muitos vieram chamados pelos parentes que já estavam estabelecidos. E, finalmente, muitos vieram porque acreditavam que o país fosse mais propício a fazer dinheiro do que outros países. Como cita Buchabqui (2011, p. 16):

O censo de 1876 aponta o ano de 1871 como sendo a primeira vez que aparecem sírios e libaneses no Brasil. O censo menciona três “turcos” na cidade do Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Biografias revelam, ainda, que seus autores estavam no Brasil no início de 1880. Diante disso, o ano de 1871 é aceito como a data em que os primeiros sírios e libaneses entraram no Brasil.

A imigração, em massa, para o Brasil só se realizou vinte anos após a imigração que houve para a América do Norte, pois como os Estados Unidos foram o primeiro país a conquistar sua Independência e construir uma nação livre nas Américas, seus dirigentes, que tinham o projeto de construir, para o futuro, uma nação próspera e forte, sentiram a necessidade de mão-de-obra e de gente para habitar seu extenso território. O país passou a receber navios lotados de irlandeses, franceses, italianos, árabes⁴, etc.

⁴ ZAIDAN, Assaad. Raízes Libanesas no Pará, p. 46; O historiador Yacub Audat, em seu livro *El Nations Belthad* (“Os Falantes do Idioma Árabe”), registra o seguinte: “A emigração dos camêlos árabes aconteceu antes da emigração de pessoas. Em 1830 em representante do presidente americano Andreou Jackson visitou o Golfo Árabe, Mascat e Oman (no Sul da Península Arábica) e comprou numerosas quantidade de camelo, transportando-os nos navios. Contratou diversos beduínos com a finalidade de trata-los, pois os americanos não o sabiam. Em 1938 o presidente Roosevelt convidou príncipe de Mascat a visitar os Estados Unidos, considerando essa visita retribuição à visita do representante do presidente Jackson. Enquanto isso, o general MacArther relatou que seu pai (capitão MacArther) dizia que o governo americano importou os camelos da Península Arábica, em 1885, para o transporte do material de

Não era tão fácil imigrar para o Brasil, principalmente para uma parte dos imigrantes árabes, que tinham passaportes otomanos, devido ao não reconhecimento do governo otomano ter sido o último país a reconhecer o Brasil como um país independente, além do pouco estreitamento de relações entre o Brasil e a Turquia.

Contudo, curiosamente, Dom Pedro II era apaixonado pela cultura árabe. Ele estudou a língua árabe com um arabista alemão. Fez duas visitas ao Oriente árabe: a primeira foi de 25 de maio de 1871 a 30 de março de 1872. A segunda viagem foi de 26 de março de 1876 a 25 de setembro de 1877.

Há registros de que a imigração dos árabes fora liberada para o Brasil na segunda visita do historiador, escritor e político árabe Ziaiter, o qual escreveu em seu livro “Missão em um Continente”, que durante sua estadia no Brasil visitou o Museu do Imperador Dom Pedro II, em Petrópolis, Rio de Janeiro, onde encontrou diversos livros árabes presenteados por intelectuais e o mais famoso era o livro de Ibraim El Yázigi⁵, famoso poeta e escritor. Começaram a chegar caravanas em massa de imigrantes sírio-libaneses ao país que, inicialmente, se instalaram em ponto específicos do Brasil, como cita Assaad Zaidan (2001. p. 62):

A chegada se dava em três portos brasileiros: Rio de Janeiro, onde desembarcavam e se distribuíam entre Espírito Santo, Minas Gerais, sul da Bahia e Goiás; Santos, de onde iam para São Paulo, Mato Grosso, Paraná e outros Estados do Sul; e, o terceiro que teve grande destaque no movimento migratório foi o de Belém do Pará, onde se distribuíram entre o Amazonas, Acre, Rondônia, Roraima etc; outro porto de menor movimento, era o de Recife, de onde partiam para o Ceará e Maranhão.

Não há números exatos nos registros de sírio-libaneses que desembarcaram no Porto de Belém, contudo, acredita-se que até 1914, tenha sido por volta de 15 a 25 mil imigrantes, que se espalharam entre os Estados do Amazonas, Rondônia, Roraima, Acre e o próprio estado do Pará. Assim como não existem registros de todos os imigrantes sírio-libaneses que desembarcaram em Belém, pois a grande maioria se encontrava sem documento algum. Além disso, também havia pouco interesse por parte dos agentes portuários de fazer esse registro documental, pois na época os mesmos eram feitos a mão. Muitos imigrantes, traduziram

construção para o Deserto do Arizona e, outro motivo também, era o de carregar os pesados canhões da Guerra Civil americana”. Acrescentar ainda que os americanos ficaram tão gratos pelos serviços dos camelos que fizeram, uma estátua em sua homenagem, à qual apelidaram de “Navio do Deserto”.

⁵ ZAIDAN, Assaad. Raízes Libanesas no Pará, p. 57; O nome Yázigi indica que a pessoa é descendente de uma família literata e profundamente conhecedora da gramática árabe. Alguns deles que vieram para São Paulo dedicaram-se à literatura e fundaram o curso de idiomas Yázigi, que atende em diversas capitais e cidades brasileiras.

seus nomes para o latim no próprio navio, principalmente os que tinham nomes bíblicos, para facilitar a pronúncia em português⁶. Também não se sabe ao certo qual foi o primeiro imigrante árabe que chegou ao Estado do Pará, porém há registro dos sobrenomes dos primeiros imigrantes sírio-libaneses. Segundo Relatório de Sobrenomes das famílias que chegaram ao Brasil, desde 1850 até os dias atuais, podem ser identificados nas imagens 31 à 35 encontradas no Relatório de sobrenomes de famílias que chegaram no Pará desde 1850, nas páginas 115 à 119:

⁶ Z Aidan, Assaad. Raízes Libanesas no Pará, p. 123; Exemplos de alguns nomes modificados do árabe para o latim: Botros - Pedro / Bouls - Paulo / Hanna - João / Youssef - José / Abbas - Alberto / Matta - Mateus / Ayub - Jô / Dawoud - Davi / Salman - Salomão / Yacub - Jacó / Ali - Alexandre / Marwuan - Mário / Hadad - Ferreira / Dib - Lobo / Hassan - Calixto / Katar - Valente / Ahmed - Armando / Saliha - Sales / Jamil - Benjamin / Haber - Alves / Salame - Barbosa.

Imagem 31 - Sobrenome de famílias libanesas no Brasil "A" e "B"

A			
ABU SAMRA	ALRAI *	AROUK (Arouk ⁹⁹)	ABI JUMHA
ABBAS	ABELEM (Cabalan)	ABU ¹⁰⁰ ANTUN	AYAN *
ABDALA	ALUAN (Alwan)	AROUSS	ABU LUTAIF
ACHI	ABICHAKER	ABU CATER	AZAR
ADONIS	ALVES	(Abu Khater)	ABU MURAD
ABDO	(Haber mudou para Alves)	ASSAAD	AZBEK (Yasbek)
ABBS	ABI JEDÃO (Jedao)	ABU CHACRA	ABU NAIM
ADRA	AMER	ASSAD	AZIZ
ABDOUN	ABI KALIL	ABU CHADID	ABU ZAQUE
AFIONI	(Abikhailil)	ASSEF (Assaf)	AKIM (Hakim)
ABDUL HACK	AMIN (Yamin)	ABU CHAHLA	ASHCAR
AINATE	ABI KAMINI **	ASSMAR	ABI RACHID
ABDUL KHALEK	AMOURY (Amury)	ABU CHAM	AKHRASS
AITANI	ABI NADER	ATHIE (Atie)	
ABDUL MASSIH	ANAISSE	ATTALLA	B
AKEL	ABINASSIF	ABU EZZEDINNE	BACHÁ ("PACHÁ")
ABDUL NOUR	ANAUTE	(Ezeddine)	BATROUNI
ALHADEF**	ABOIM (Abu Iaoun e Buion)	AUD (Awad)	"PRINCE" ¹⁰¹
ABDUL RAHMAN	AOUAR (Abbs)	ABU FAYAD	BECHARA
ALLY **	ABOUD (Abbud e Abud)	AWADA	BACHIR
(prov. da Argélia)	ARBAGE *	ABU HABIB	BEDRAN
ABESAYURI *	ABRÃO (Ibrahim)	AWADAY (Awady)	BACHOUR
(Abi Sayuri)		ABU ISMAEL	BELICH (Baleich)
		AYACH	BADARANE

Fonte: Livro Raízes Libanesas no Pará (ZAIDAN, 1989, p. 115).

Imagem 32 - Sobrenome de famílias libanesas no Brasil "C" a "F"

C			
BENDLY	BAYDOUN	CHUQUIE	ELUAN (Abualwan)
BADAWI		CHAFAR (Ghattaf)	EL BOUN
BERBARY		CHOFFI (Stiff)	EMIN
BADOUR		CHAHIN	(Aoun Yamman)
BERJAS	CHAD	COSIA	EL HADEF **
BADRA	CHAHINI	CHAHUAN	EMR
BIRENI	CHAKER	(Chahwan)	EL HOSSNY
BAIDES **	CHAIK (EL CHAIKH)	COURI CURY	(Hassane)
BITAR	CHAIKI (CHAIB)	(Khoury)	ESPER
BAHURY	CHALHUB	CASSIS	ELLAS
BKASSINI	CALAF	CHAMMASS	ESPERIDÃO
BAJANI	CHAMIE		ELSOUKI
BORGA	CALIL (KHALIL)	D	EZZEDINNI
BALENA	CHAMMA	DAGHER	(ABU EZZEDINNI)
BORGHI	CALILO (KHALIL)	DARWICH	EL KHOURY
BALOUT	CHAMOUN	DAHAS	
BOTTOLY	CALLUFF	DYRANI	F
BANNA	(KALOUFF)	DAHER	FADDA
BOUHID	BARAKAT	DEBS	FAREZIN (Farezi)
BARAKAT	BRACHI	DAIBS (Hamouch)	FARDEL
BRACHI	BARBOSA (Salame)	DELU *	FARHAT
BARBOSA (Salame)	BRAIZ (Braich)	DALLUL	FADOU (Fadul)
BRAIZ (Braich)	BARDAUIL	DEMACHKI	FARID
BARDAUIL	BUAINAIN	DAMIAN	FACURY (Fakhury)
BUAINAIN	(Abu Anaim)	DEMETRIO	(Demetry - Metri)
(Abu Anaim)	BARGAS	DAMOURI	FELIX (Fet)
BARGAS	BUAIZ (Bouez)	DENNY	FAGURY (Faghury)
BUAIZ (Bouez)	BARGHACHI	DAMOUS	FERRERA (Hadad)
BARGHACHI	BUERES	DERGAM	FARAH (I)
BUERES	BARGUIL (Barquill)	(Dergham)	FARAH (II)
BARGUIL (Barquill)	BULBOL	DANEH	FRALHA
BULBOL	BARJA	DIB	FARES
BARJA	BU RARAIAN	DANIAL	FURSULY (Furzly)
BU RARAIAN	(Abu Raian)	DOUMANI	
(Abu Raian)	BAROUKI (Hachem)	DAOU	G
BAROUKI (Hachem)	BURASLAN	DUALIBI	GABER
BURASLAN	(Abu Rasslan)	DERZI	GHAFFAR
(Abu Rasslan)	BASIL (Bassil)	DACDUC	GABRIEL
BASIL (Bassil)	BUSSTANE		GHAMMACHI
BUSSTANE	(Besstani)	E	GABY
(Besstani)	BAZ	EL AOUAR	

Fonte: Livro Raízes Libanesas no Pará (ZAIDAN, 1989, p. 116).

Imagem 34 - Sobrenome de famílias libanesas no Brasil "H" a "M"

GHANEM	HILAL	K	METRI (Mitre)
GADER (Ghader)	HALUM	KAADY	MAIOLY
GHARZUZI	HOMCI (Humssy)	KASSPAR	MICHEL
GANTOUS	HAMAD	KADY	MAKAREM
(Gantüss)	HOSNI	KATTAR	MIDAUAR
GHASSAN	HAMADA	(KHATTAR)	MAKDEÇI
GHOSSAINE	HOUAI **	KAFOURY	MIGUEL
GATTASS	HAMANI	KHALAF	MAKHLUF
GORAYEB	HOUAT	KAHWAGE	MOHANA
GAZEL	HAMDAN	KHALOUF	MAKSUD
(Gazali - Gazal)	HANNOUCH	KALED (KHALED)	MOKDÇY
GOSSN (Ghossn)		KHARMA	(Makdeçy)
GAZI	I	KALIFFE	MALUF
GANNAM	IBRAHIM	KHARSSA	MONÇÃO
(Ghannam)	ISSA	KALIL (KHALIL)	MAMED
H	IRANI	KHATER	(Mohamed)
HABER - I	ITANI (Aitani)	KALUME	MOUAD (Moawad)
HAMMOUCHI	ISHAC	KHAWAJA	MANSOUR
(El Hamouch)	IUNES (Yunes)	KAMEL (QUEMEL)	MOURÃO
HABER - II		KHAYAT	(Maroun - Marum)
HANAQUE *	J	KARAM	MANTURA
HABIB	JABER	KOSAK *	MOUSSALÉM
HANNA	JAMIL	KARIM	MASSOUD
HACHEM	JAITENE	KOURY (KHOURY)	MUANES
HARB	JEHA	KASSAR	MASSRY
HACURY	JABOUR	KZAM (KHZAM)	MUBARAK
HARFUCH	JEMOUS	KASSIM	MASSTUB
HADAD (Ferreira)	JABR	KHARAT	MUFARREJ
HARMOUCH	JERAICH	L	(Mufferej)
(Abu Hermouch)	JERGI	LABAD	MATHEM
HADARA	JERMANI (YARED)	LHEIS	MUKARZAL
HASSNIA	JERMANOUS	LAKISS	MATNI
HAGE - I	JAPHAR	LIBDY	MUKBEL
HAGE - II	JEZINI	LAMISS	MATTAR
HEJEU	JAUHARI	LUTAIF	MURAD
HELU	JORDY	LAUI *	MAZAR **
HAIECK	JAWABRI *	LIOUN	MURHY
HERAIRO	JORGE	M	MAZLUM
HAKIM	JEDÃO	MAAHMOUD	MUSSA
HERMES	JUMHA		MELEM (Melhem)
HALABIA	(Abu Jumha)		MUSSI
			MELIK
			MUSSTAFFA

Fonte: Livro Raízes Libanesas no Pará (ZAIDAN, 1989, p. 117).

Imagem 33 - Sobrenome de famílias libanesas no Brasil "N" a "S"

(Musstafa)	O	RAMI	SCAFF (SKAFF)
MELUL	OLIVEIRA ¹⁰³	ROUQUOS	SAID
MUTRAN	OBAID	RASSI	SEBA (SABÁ)
MENDOLY	OTOCH	ROVHA	SAIFI (SAIFF)
MASSAAD		RASSLAN	SELMA
MELO SILVA		(Abu Rasslan)	SALAME
MURIEL	P	RUFFEIL	SEMAAN
MULAIB	PAISSANO ¹⁰⁴	RAUDA	SALAMOUNI
	PRINCE	RUHANA	SEMAANI
	(palavra latina)	RAWADA	SALEM
N	PARDAUIL	RUHI	SERHAL
NABATE	(Bardawil)	RESQUE (Risk)	SALES I (SALEHA)
NASSR	PESTANA	RAGI	SERHAN
NABHAN			SALES II (SALEH)
NASSRALLA			SFFEIR (SFAIR)
NACIF (Abi Naçif)	Q		SALHAB
NASSRY	QUEMEL	SÁ (SASI OU	SHADA
NADER		SAISSÁ)	SHALIBA
NAWAR		SARAY (SAREY)	SHALHUB
NAGIB		SAAB	SALIM
NEHME	R	SARÉ (SAREY)	SIMÃO
NAHUM	RAAD	SAAD	SALMAN
NEMER	RICHENI	SAROUF	SIUFFI (SIOUFFI)
NAIFF	RACHA	SAADY	SALOMÃO
NICOLAU	RIMAN	SARQUIS	SLEIMAN
NAIM	RACHID	(SARKISS)	SALUAN
NOUR	RIZK	SABER	(SALWAN)
NAJAR (Najjar)	RADDWAN	SARRAF	SOUKI
NOURA	ROMIE	SABRA	(El Souki)
NAJM	RAFOL	SARATI	SALUM
NOURY	ROSSI	SADALLA	SRUR
NASSAR - I	RAHME	SASSIM	SANJAD
NUAIM	ROUMANOS	SADECK	(Abu El Hosn)
NASSAR - II	RAJEH	SAUMA	SUEID
NUAYHID	ROUQUE	SADER	(Mudado para Soares)
NASSER		SAWALA	SANTOS
		SADY (SADDY)	SUMSSUM
			SYLAU

Fonte: Livro Raízes Libanesas no Pará (ZAIDAN, 1989, p. 118).

Imagem 35 - Sobrenomes de famílias libanesas no Brasil "T" a "Z"

SATANIDILLI	U	XERFAN	Z
T	UCHOA (Uchuá)	XAHUD *	ZACARIAS
TABET	W	XUKR	ZAIM
SUBHIÉ	WABRAH	XAHDAN	ZACCA (Zaka)
TANOUS	WARD	XAIR	ZAIRI
TACHY	WADA	Y	ZAGHARIA
THOME	WAWI	YACUB	ZAKHIA
TACLA	WADI	YASSIN	ZAHALAN
TIMANI	WAZIR	YAGHI	ZAKI (Abu Zaque)
TAKIEDDINE	WAHID	YAZBEK	ZAHLOUTH
TOUTANGE	WEHBI	YAHYA	ZIADI
TALAYEH	WAKED	YÁZIGI	ZAHRA
TUBIAS	X	YAMIN	ZOGHBI
TAMER	XACOUR (Chacour)	YOUNIS	ZAIDAN
(Raízes da família Murad)		YARED	ZOUEIN
TUMA		YOUSSEF	ZAMLOUTI
			ZUMERO (Zemer - Zamar)

Fonte: Livro Raízes Libanesas no Pará (ZAIDAN, 1989, p. 119).

Se observarmos nos nomes escritos neste livro, todos tem uma escrita da língua árabe, ou seja, conseguimos perceber que não há nenhum nome que se aproxime ou se assemelhe a nomes cristãos, isso se dá por a maioria da população do Líbano, até os dias atuais, não serem cristãos, e sim serem considerados muçulmanos. Em 2014, Richard Dralonge (2008) estimou que a população libanesa era composta por 54% de muçulmanos (27% islamismo xiita e 27% sunita), 40,4% de cristãos (inclui 21% católicos maronitas, 8% ortodoxos gregos, 5% greco-católicos, 1% protestante e 5,5% outros cristãos), 5,6% de drusos, além de um número muito pequeno de judeus, bahá'ís, budistas e hindus.

2.2 Cultura

A grande maioria dos imigrantes libaneses do Brasil veio de aldeias rurais. Cada aldeia é uma comunidade bem definida, habitada por lavradores identificados com ela. Esses lavradores tinham pouca noção de unidades administrativas como região, província e nação. O que valia era a família e a igreja. Estas duas instituições preenchiam a maioria das necessidades do indivíduo. Entre os habitantes das aldeias havia 3 grupos familiares patriarcais como fala Buchabqui (2011).

1º grupo: família conjugal (casal e filhos).

2º grupo: família grande que consiste em três gerações: filho, pai e avô. O chefe é o avô; é o patriarca. Moram todos na mesma casa. A família é patriarcal.

3º grupo: família da aldeia; é o grupo de parentes, abrangendo todas grandes famílias que se dizem descendentes de um antepassado paterno comum. O grupo de parentes geralmente reside num bairro específico da aldeia.

Tanto na Síria quanto no Líbano, a religião equivale à nacionalidade. Cada grupo religioso é considerado uma comunidade separada dentro da estrutura do Estado. O chefe de cada igreja exerce algumas funções civis além de controlar as atividades religiosas. Geralmente, os habitantes de uma aldeia pertencem a uma igreja específica. As aldeias são classificadas como muçulmanas, maronitas, drusas ou greco-ortodoxas. O vigário da aldeia é o "inman". Dentro das aldeias greco-ortodoxas, a igreja é perfeitamente estável, autônoma e totalmente integrada, em todos os aspectos da vida do povoado. No Brasil, a grande maioria dos sírios e libaneses pertencem a três doutrinas cristãs: o greco-ortodoxa, o maronita e o católica-romana (estariam aqui os melquitas (são grupos menores presbiterianos, judeus, muçulmanos e outros). Contudo na igreja maronita, até os dias atuais, a língua da igreja é o árabe, além de que durante os serviços religiosos os dois sexos são segregados, os homens ocupam a parte anterior da igreja e as mulheres ficam atrás, atrás de uma tela.

Quanto à família, embora a imigração tivesse debilitado, tanto a família grande como o sistema de parentelas, ambos desempenharam papéis de relevo no processo migratório e no ajustamento do imigrante individual no Brasil. Os que desejaram emigrar recebiam uma ajuda financeira de sua família e os que ficavam no Brasil, eram custeados pelos parentes. Com o tempo, e a melhora na situação financeira, a família também emigrava. O contínuo movimento migratório levou ao enfraquecimento do grupo familiar no país de origem e a conseqüente perda de influência dentro de sua aldeia.

Os laços de parentesco no Brasil permaneceram fortes durante anos, porém, a tendência atual (1950), é para o enfraquecimento. Este enfraquecimento pode ter suas causas na dispersão do clã por vários Estados e também porque atualmente o casamento não se faz somente dentro dos membros da comunidade. A família conjugal tornou-se a unidade de parentesco mais importante no Brasil e sua estrutura ainda é fortemente patriarcal.

A igreja, tanto a Greco-Ortodoxa quanto à maronita apesar de terem sido trazidas pelos imigrantes, foram incapazes de reter seus membros ou sua posição no Brasil. Com a dispersão dos imigrantes por vários Estados e cidades do interior, muitos deles se tornaram católicos, pois não havia outras igrejas nas suas cidades. Foi somente nas grandes cidades que se formaram congregações de greco-ortodoxos ou maronitas, um exemplo que pode ser citado é a cidade de São Paulo que há pelo menos nove igrejas greco-ortodoxas, mas somente uma maronita, a Catedral Maronita Nossa Senhora do Líbano.

Quanto à Organização da Comunidade, à medida que a comunidade sírio-libanesa crescia, organizaram-se várias associações para desempenhar funções que em seus países de origem eram tarefas da família ou da aldeia. Essas funções têm sido cuidar dos necessitados, sustentar a igreja, desenvolver atividades culturais e intelectuais, dar um senso de unidade à colônia e representá-la na sociedade local, além de manter clínicas, hospitais, orfanatos e asilos.

Contudo a língua, houve pouca resistência entre os árabes em substituir o árabe pelo português devido à natureza de seus negócios, apesar das tentativas em manter a língua de origem. Muitas das primeiras escolas da colônia usaram o árabe como língua de instrução. Por volta de 1930, o governo brasileiro proibiu o uso de língua estrangeira nos estabelecimentos de ensino e na imprensa. Os imigrantes sírios e libaneses trabalharam muito para alcançarem uma posição social, financeira e cultural no

Brasil e sua adaptação no país está se processando lentamente mas com uma certa facilidade, ou seja, os mesmos aos poucos estão “criando” uma nova identidade, não exatamente do lugar que partiram, nem do que chegaram, mas algo que fique entre as duas coisas.

2.3 Registro Imagético

Por ser fiel com a realidade, a fotografia é considerada uma das técnicas mais importantes no registro documental. Desde que foi criada, é usada como fonte de conhecimento. Uma única fotografia pode conter incontáveis informações, que podem ser transformadas em objetos de estudo ou fontes de pesquisa.

A fotografia chegou ao Brasil em 16 janeiro de 1840, na época chamava-se daguerreotipo, trazida pelo abade⁷ Louis Compte, capelão da corveta franco-belga L´Orientale, recém chegado no Rio de Janeiro. E no dia 17 de janeiro de 1840, no Hotel Pharoux, no Largo do Paço – RJ, mostrou seu daguerreotipo para um grupo seletivo de surpresos observadores, entre eles o futuro imperador D. Pedro II (1825-1891), então com 14 anos de idade.

D. Pedro foi o primeiro brasileiro a adquirir uma dessas máquinas, pois se encantou com essa “máquina mágica”, que lhe chegou às mãos em março de 1840, vinda diretamente de Paris. Visionário, percebeu logo a importância da fotografia como instrumento de preservação da memória familiar e documento histórico. Passou a fotografar – e mandar que fotografassem – todas suas viagens ao interior do país e ao exterior. Contratou fotógrafos para acompanhar os passos da Família Real.

A fotografia não foi criada exatamente com o intuito de ser somente utilizada como instrumento documental. Contudo, com o passar dos anos, se tornou uma importante ferramenta de preservação e recuperação histórica. Peter Burke (2004) constata que

⁷ Título ou cargo do superior dos monges de uma abadia autônoma ou dos membros de certas ordens ou congregações religiosas monásticas.

“independente de sua qualidade estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica”. Atualmente, historiadores têm se utilizado de imagens fotográficas para compreender acontecimentos de épocas anteriores.

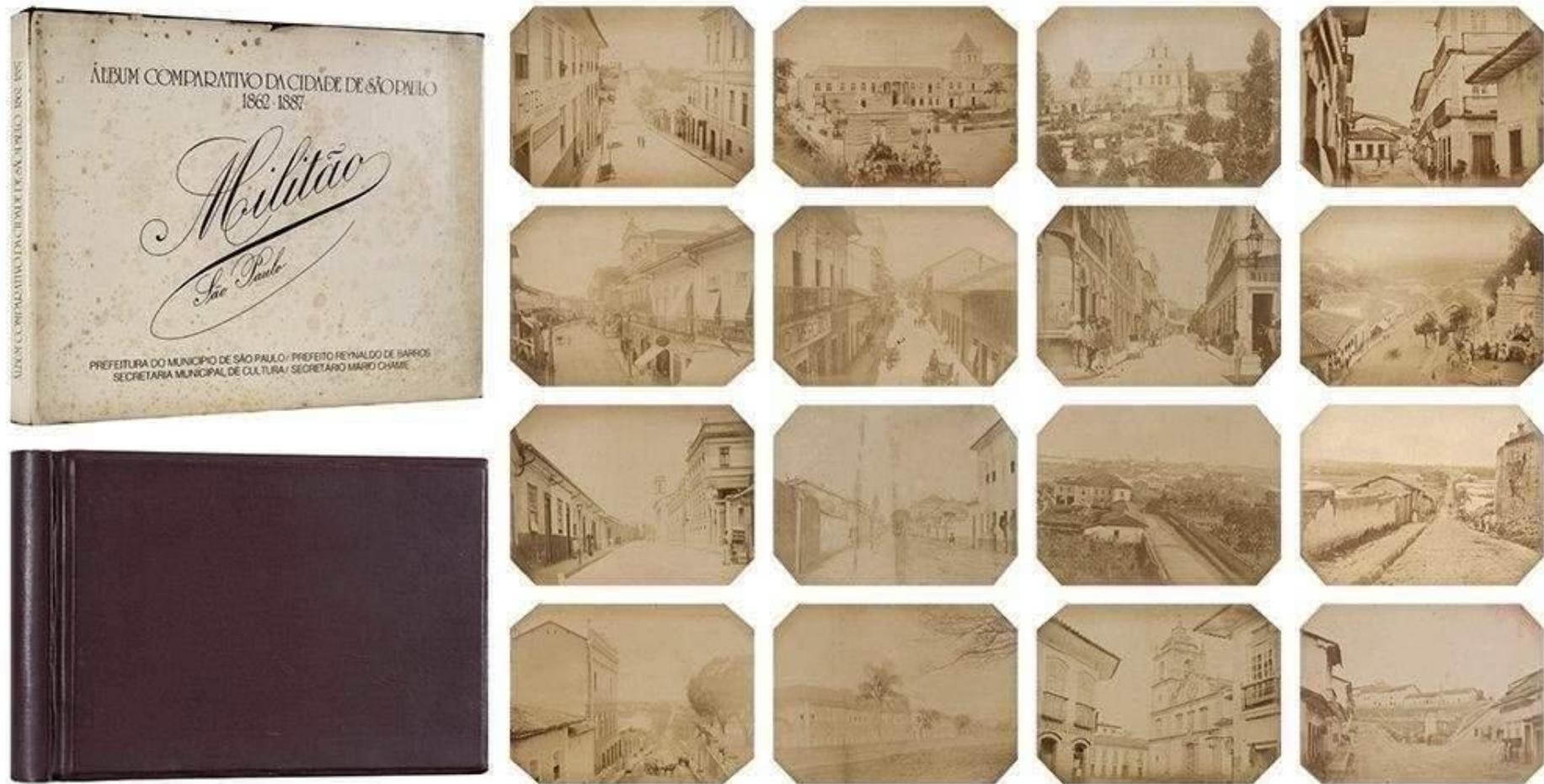
Um dos primeiros repertórios documentais registrados em documentos foi um Álbum Comparativo da cidade de São Paulo (Imagens 36 e 37), 1862 – 1887, organizado pelo fotógrafo Militão Augusto de Azevedo, lançado em 1887. Assim, desde então, a prática de comparar os momentos da cidade através de fotografias tornou-se algo comum no mercado editorial, principalmente em edições produzidas por órgãos públicos como forma de autopromoção.

Imagem 36 - Capa Álbum Comparativo



Fonte: Álbum Comparativo da cidade de S. Paulo 1862-1887 (AZEVEDO, 1887).

Imagem 37 - Album Comparativo



Fonte: Álbum Comparativo da cidade de S. Paulo 1862-1887 (AZEVEDO, 1887).

Neste álbum, fora utilizado pouquíssimo texto, havia somente as legendas de identificação, sua intenção era mostrar o crescimento urbano, com destaque para a modernização das cidades. Não retirando totalmente características das construções antigas das fachadas dos prédios, mas incorporando-as ao novo. Este tipo de álbum parece construir um contrapeso, entre as

modificações estruturais do espaço urbano e o apego emocional do fotógrafo à antiga arquitetura, fenômeno este, que acontece com indivíduos como um todo, não somente com observações de mudanças espaciais, mas com qualquer mudança, que por ventura, pode ter sido registrada de forma imagética, e, posteriormente, comparada. Não é por acaso que a apresentação de imagens do passado é quase sempre associada à intenção de conservar a memória. Entretanto, apesar da maioria destas imagens estarem inserida em um processo intensamente dinâmico, como o das transformações urbanas, o fenômeno da memória é, ao contrário, tratado de forma estanque, imutável, quase absoluta pela imagem fotográfica, como cita Miriam L. Moreira Leite (1986) "Como é imóvel e estática (a fotografia) representa um tempo presente, um agora diante do que o pesquisador é levado a reconstituir o que levou aquelas personagens a estar ali, assim, daquele jeito, naquele momento, para poder prever o desenlace, os momentos seguintes que podem vir a ser encontrados em outros instantes isolados, em outras fotografias."

O termo memória é tratado como algo abstrato, e quando falamos de memória imagética sempre vem associada a termos como conservação, recuperação, resgate, preservação, acreditando que ela servirá como instrumento de registro mental coletivo de uma realidade passada, a partir da divulgação em meios públicos. Assim como os termos memória visual e memória fotográfica são utilizados de forma a justificar a divulgação de acervos institucionais e privados, em via de regra, a eles é atribuído o poder de reconstituição da história. Neste caso, o termo memória é entendido como equivalente a um conjunto de documentos, tendo, assim, uma materialidade. Este binômio memória/reconstituição histórica, tal como vem sendo formulado no que se refere à documentação fotográfica, desconsidera os sentidos presentes nas mediações, seja dos produtores primeiros das imagens (fotógrafo, editor, arranjador, etc), seja de seus consumidores, ou ainda daqueles que retomaram esta documentação para lançar, a seu modo, uma coletânea de documentos fotográficos.

Preservação também aparece relacionada à ideia de passado. Contraditoriamente, pretende-se que a imagem fotográfica, ao "representar o instante", seja capaz de recuperar a experiência do tempo, que é contínuo, não seletivo, ininterrupto e, acima de tudo, o mesmo não retorna (Neiva, 1986). A crença no "túnel do tempo" conhece um exemplo radical e, por isso, elucidativo, na

experiência dos "living museums"⁸, que pretende reconduzir ao presente uma situação já vivida, reificando o passado, abolindo as distâncias temporais e, assim, a percepção da alteridade. A compreensão da fotografia como uma versão "envelhecida" do presente anula a possibilidade do conhecimento histórico, o qual necessariamente se constrói sobre o estranhamento.

Desde o século XIX, portanto, quando a técnica da fotografia ainda engatinhava, as imagens fotográficas produzidas pelos imigrantes eram usadas como um documento, mostrando a nova vida, morada, língua, religião, profissão, etc. Essas fotografias feitas, muitas vezes, em estúdios, eram precedidas de todo um preparo para criar um registro ideal, a ser deixado para a posteridade. Uma série de elementos simbólicos (vestuário, cenário, postura) moldavam a imagem que se pretendia fixar.

Da mesma forma, as numerosas sociedades recreativas, esportivas, culturais ou esportivas, criadas pelos imigrantes e seus descendentes, também produziram registros fotográficos com o objetivo de registrar/fixar as tradições, os costumes, a cultura. Essas fotografias eram geralmente de domínio público e, muitas vezes, organizadas em álbuns comemorativos da própria sociedade e/ou veiculadas na imprensa local. Também as escolas e as Igrejas fizeram uso deste material com intuito de promoção dos valores étnicos, religiosos ou culturais do grupo.

⁸ A proposta do "living museum" é justamente reconstituir situações passadas com personagens que agem como se estivessem em uma segunda realidade. Aplicado a exposições, este tipo de procedimento pretende se contrapor ao assim considerado "museu tradicional". Cf. Ulpiano T. Bezerra de Meneses. Do Teatro Da Memória ao Laboratório da História. A Exposição Museológica e o Conhecimento Histórico. Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material. Nova série, v.2, 1994.

3 MEMÓRIA DE AFETO

3.1 Individual

Quando penso na palavra memória, minha mente devaneia entre lembranças marcantes, minhas e histórias que me foram contadas. E essas lembranças mexem com o meu pensamento de diversas formas. Chegando a me fazer reviver momentos, bons e ruins, fazendo-me sentir os odores que senti no momento, os sabores, a tristeza, a alegria, etc. Fazendo com que no meu íntimo, vivesse um tipo de *déjà-vu*.

Quando era criança, as lembranças mais marcantes de minha família eram as comidas e a cultura, de como uma menina (quando estava se tornando mulher), tinha que se portar diante da sociedade. Meus avós eram muitos católicos e, por isso, todos os fins de semana íamos à missa. Aos oito anos, já estava fazendo primeira comunhão e aos quinze crisma, e como as aulas na igreja aconteciam aos sábados, dormia todo fim de semana na casa da minha avó, pois tinha que ir aos domingos para a missa de manhã cedo. Apesar de os libaneses vindos para o Brasil, em sua grande maioria, não terem religião definida, pela religião ser originada em conformidade com o local de origem como cita Buchabqui (2011), em minha família, a religião católica fora a adotada desde os meus bisavós. O que registra o quanto a imigração impõe a perda da identidade local, forçando aquele que chega em outro país recrie sua história, invente novas formas sociais e culturais. Isso tudo coloca o sempre fora, mesmo que esteja dentro de um *habitus* da localidade.

Quanto à filiação religiosa há poucas informações nos censos, porque o item sobre religião não discriminava quanto à nacionalidade. É uma lacuna lamentável, pois entre os sírios e libaneses a filiação religiosa confunde-se com a nacionalidade. [...] A grande maioria de sírios e libaneses residentes no Brasil é cristã e os dois principais ritos entre eles são os maronitas (maioria libanesa) e os grego-ortodoxos (maioria síria) (BUCHABQUI, 2011, p. 28).

Para não ficar sem fazer nada, minha avó me ensinava a fazer ponto cruz, vagonite e crochê, com o intuito de me preparar para quando eu me tornasse adulta, soubesse fazer coisas que agradassem o meu marido, assim como não era permitido “tirarmos” as sobrancelhas, e o argumento era que a mulher deve realmente só se enfeitar depois de casada e para o marido, não para todos da rua. Costumes esses extremamente machistas aos olhos da sociedade contemporânea. Mas que minha avó passava para todas as netas, pois foi se adaptando, desta forma, que foi minimamente aceita na família, já que era de descendência diferente a do meu avô. Pois dentro de uma família de origem libanesa, o homem e a mulher tem papéis diferentes a serem desempenhados, como retrata Samira Adel Osman (2006), quando fala em sua tese sobre o processo do retorno as origens:

No caso da imigração libanesa ao Brasil, as consequências deste processo são avaliadas do ponto de vista da manutenção da estrutura familiar e do projeto migratório ao longo das gerações, e quando esses papéis correm riscos nas gerações é hora de retornar. No retorno torna-se necessário retomar os papéis tradicionais, valorizar tarefas vistas como masculinas ou femininas, limitar-se ao ambiente doméstico e familiar, portanto privado (mulheres) ou ao espaço do trabalho e da rua, portanto público (homens). Para os homens trata-se de reassumir um papel já conhecido, aceito e esperado; para as mulheres trata-se de um retrocesso: o que foi alcançado na migração será confiscado no retorno (OSMAN, 2006, p. 186).

Lembro-me que passava hora sentada ao lado de meu avô, vendo-o ler revistinhas em quadrinhos de faroeste (Imagem 38) de uma forma tão interessante que prendia minha atenção, pois ele usava óculos e uma lupa enorme na mão. Contudo, o que sempre reunia a família eram as comidas árabes, nos dias que o cardápio era o charuto de couve flor e o quibe cru. Todos da família se reuniam ao redor da mesa para bater papo, falando um mais alto que o outro, ao ponto de parecer que estavam todos brigando, mas na realidade, se tratava somente de uma conversa informal. Momento que deveria ser de nutrição se transformava de tal forma que se qualquer pessoa que não fosse da família chegasse nesse exato momento, percebia a intimidade das pessoas que estavam envolvidas no momento, pois em vez de ser só um momento de alimentação, o mesmo espontaneamente era um ato de cultura como demonstra Michel de Certeau (1997) ao dizer que:

[...] cada hábito alimentar compõe um minúsculo cruzamento de histórias. No “incrível cotidiano”, sob o sistema silencioso e repetitivo das tarefas cotidianas feitas como que por hábito, o espírito alheio, numa série de operações executadas maquinalmente cujo encadeamento segue um esboço tradicional dissimulado sob a máscara da evidência primeira, empilha-se de fato essa

montagem sutil de gestos, de ritos, de códigos, de ritmos e de opções, de hábitos herdados e de costumes repetidos (CERTEAU, 1997, p.134).

Imagem 38 – Alfredo Nazir Abud lendo quadrinhos



Fonte: Álbum família Abud (2014)

Além disso, ainda realizávamos as viagens de férias para a cidade de Marudá⁹- Pa, à qual, a família inteira ia para uma casa que tinha somente um cômodo grande, casa de madeira, onde eu e meus primos passávamos o dia todo brincando, principalmente “bisbilhotando” a casa ao lado, pois nunca tinha ninguém, contudo, sempre que olhávamos para dentro dela uma cadeira de embalo que tinha nela estava se movendo, e por isso a gente acreditava que a casa era mal-assombrada. Além disso, nessas viagens sempre pedia a um tio meu, cujo nome é Frederico, para cantar a música da *Velha de baixo da cama*, para conseguir dormir, o que irritava a todos, porque o mesmo repetia diversas vezes a mesma música até que eu adormecesse.

Penso que memória de criança sempre há uma coisa ou outra distorcida, por a mesma ter um imaginário extremamente vasto. Mas lembro da minha infância com muito carinho e saudade, pois foi durante ela que aprendi a ser quem sou, a formar o meu caráter, o que me fez valorizar momentos, pois eles podem ser únicos. E por isso minha família preserva tanto a questão do registro fotográfico e preservação das memórias, por ser uma família unida, que tem problemas como qualquer outra, mas que sempre está pronta para ajudar quando necessário. Posso dizer que essas lembranças são fundamentais para o meu trabalho, para a minha forma de como lido com a imagem, com a fotografia e com a memória.

Percebi isso quando fomos organizar as coisas da minha avó, após o seu falecimento no ano passado. O quanto tudo estava registrado, todos esses momentos relatados por mim e muitos outros. Como o aniversário de casamento dos meus avós, batizados de todos os filhos, netos e bisnetos, aniversários, festas de fim de ano, ou até mesmo um dia qualquer que estavam todos reunidos e que alguém resolveu tirar foto de tudo. Contudo, percebo que toda lembrança imagética se torna mais importante com a partida de alguém querido, pois as pessoas sentem necessidade de recordar, constantemente, a imagem da pessoa que partiu, justamente por não ter mais a presença física da mesma.

⁹ Marudá é uma das praias mais famosas do município de Marapanim no estado do Pará, tem uma população estimada, em 2019, era de 28.336 habitantes, em uma área de 804,625 km². <Disponível em: <http://www.marapanim.pa.gov.br/sobre/>>

O que me fez pensar o quanto os patriarcas de qualquer família, seja ela imigrante ou não, a questão da sua história e luta é o que de certa forma une toda a família, pois é a partir disso que os valores são passados para os descendentes. Contudo, uma família descendente de imigrantes, na sua grande maioria, passa por lutas maiores do que pessoas que estão no seu local de origem. Por diversas questões, como dificuldades para encontrar emprego, documentação, língua, religião, cultura, etc. Entretanto, imagino esses patriarcas libaneses como se os mesmos fossem a personificação da imagem do cedro libanês, que se encontra na bandeira do Líbano.

Inclusive, na Bíblia consta que o Templo de Salomão foi construído com madeira de cedro e acredita-se que não apenas por sua resistência e longevidade, mas também pelo fato de o cedro simbolizar fertilidade, abundância e força espiritual. A origem do nome cedro (sedrus) já dá uma dica de seu significado, que vem da palavra kedron, que em árabe significa poder.

Características essas muitíssimo presentes em meu avô, por exemplo, pois além dele ter completado dia 13 de agosto de 2019, 99 anos, o mesmo teve 12 filhos, e adotou mais 1, gosta de ser a figura mais importante da casa (a pessoa que é extremamente necessária), mesmo na situação de demência pela idade, em seus momentos de lucidez tem atitudes assim, com pequenos gestos, como mandar alguém ir comprar pão, fazendo questão de dar o dinheiro, nunca deixou faltar nada aos filhos, sendo sempre carinhoso e atencioso com todos, mas também rígido.

Atualmente, fala que já está na hora de Deus o levar, por ser muito católico comenta que reza por isso, por se sentir cansado e não gostar de depender dos outros, o que acaba sendo necessário. E cria uma situação de união entre os membros da família, através de um revezamento, deixando todos sempre apostos para fazer qualquer coisa por ele. Fazendo com que esse cuidado seja muito maior do que qualquer presente que possa ser dado a ele por qualquer um de nós, descapitalizando o amor.

3.2 De Família

Quando se escreve sobre família, seja quem for o escritor, acaba passando pelo pessoal. Mesmo que hajam famílias parecidas, com culturas vindo do mesmo tronco genealógico há algo que se diferencie. Pesquisar o familiar, escorre pela autobiografia, ou pela biografia familiar. Remetendo aquele que pesquisa o encontro com blocos de memórias, blocos de afetos, blocos de vida, blocos de emoção. A memória, como sabido, não só passa pelo núcleo familiar, ela é atravessada por todo um campo cultural, sendo engendrada um fazer, pensar, trabalhar, educar coletivo. A memória afetiva passa por enredamentos subjetivos grupais e pessoais. Então, a memória se engendra pelo meio de grupos, por relações íntimas, fazendo com que o esquecimento seja utilizado apenas como uma plasticidade dos processos de subjetivação que estão fincados no corpo, ou melhor, a memória coletiva ajuda a preservar a tradição e cultivar essa tradição para os outros que virão. O não esquecer para lembrar, para conservar, para possibilitar a construção de outras memórias. Portanto, uma memória não está dada, uma memória é realizada, construída, cultivada, produzida. Também o campo da memória coletiva requer o entendimento de um tempo que não passa pela linearidade, mas um tempo que percorre uma duração, um tempo do próprio coletivo que narra, que conta, um tempo da singularidade daquele que reconta. Pensar por essas perspectivas é colocar o ato de narrar, um ato de pura experiência. A família pode ajudar na preservação da memória e na produção de outras. O que podemos chamar de duração coletiva e duração singular. O eu que narra encontra-se no ponto de duração se situam um ponto de encontros em duas séries diferentes e por vezes bem divergentes (Halbwaches, 2013). Aquele que se atem a materialidade viva da lembrança e da história em que vive. Memória borrada, fissurada pelo presente do acontecimento narrado pela palavra. Esse eu que faz parte de um coletivo afetivo, que tenta fazer um afastamento no momento que narra suas memórias, já imbricadas pelo presente. Aquele que busca reconstruir aquilo que só pertence ao que já foi e ao que não é. A memória coletiva solicita a presença do múltiplo. O que permite pensar que a consciência não está enclausurada em um núcleo solitário, e o sujeito é levado para múltiplas direções, como se a lembrança o jogasse em um mar de variação contínua referente ao social e cultural no campo da história coletiva.

Nas relações familiares, quando falamos de memória, podemos pensar nos diversos desdobramentos que esse assunto pode ter. Pois cada membro de uma família tem a memória sobre certos acontecimentos de forma diferenciada, por seu próprio ponto de vista, dependendo muito se o ocorrido lhe afetou ou não. Como demonstra Maurice Halbwachs:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, elas nos são lembranças pelo outro, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É por que, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2013, p.26).

Nas famílias imigrantes essa questão da memória acaba se tornando algo extremamente importante. Já que na grande maioria das vezes as pessoas que migraram o fizeram por motivos diversos, como empregos, qualidade de vida, estudo, etc. E, geralmente, só vão para o outro lugar, praticamente, com a roupa que está no seu corpo, pelas situações adversas que estão ocorrendo no momento histórico os impedindo de ter uma preparação e planejamento.

Os Libaneses, por exemplo, começaram a migrar para o Pará no fim do século XIX. Entre 1870 e 1914. Hoje, cerca de 400 mil libaneses e descendentes vivem no Estado. Meus bisavós, Maria Abud e José Abud, vieram para o Pará, especificamente, para a cidade de Capanema¹⁰, no período da Segunda Guerra Mundial, constituíram família fazendo-a crescer em território paraense, onde tiveram seu segundo filho cujo nome é Alfredo Nazir Abud, patriarca da constituição familiar conhecida por mim, pois não tive oportunidade de conhecer meus bisavós. E esta nova constituição familiar cresceu a partir do casamento de Nazir com Esmeraldina Lamela Abud (descendente de espanhóis), que por não ser de descendência libanesa não foi bem aceita pela família, mais que preservou durante todos esses anos a cultura de seu marido.

¹⁰ Localizada em uma posição estratégica no Nordeste Paraense, cidade com 614,693 m² de extensão, rica em calcário e cercado por igarapés de água geladas. Capanema, município conhecido como a terra do cimento, de mulheres bonitas e a cidade polo da região do Nordeste do Pará. A cidade surgiu em 1910 quando Guilherme Schüch, o Barão de Capanema, mineiro da freguesia de Antônio Pereira (Município de Ouro Preto), nascido em 1824, integrante da comitiva da Imperatriz Maria Leopoldina de Áustria, estabeleceu-se na cidade devido à construção da rede telegráfica. Fonte: <https://www.capanema.pa.gov.br/omunicipio.php>

A cultura familiar e afetiva de pessoas estrangeiras que se instalam em outros países com os passar dos anos se adequam à realidade do outro país, mas pequenas coisas, de forma instintiva, acabam sendo preservadas, mesmo com certas inferências das culturais em que estão envolvidos. Percebo isso quando realizamos reuniões familiares, e a importância que as mesmas têm com o passar dos anos, principalmente com o envelhecimento dos meus avós, que são as pessoas que, querendo ou não, são o link afetivo entre todo o grupo familiar. São essas pessoas mais velhas que tentam conservar uma certa tradição para os que estão vindo. Narram para não esquecer, narram para lembrar, narram para conservar, narram para viver. Contudo, nossa família tem o costume de guardar suas memórias através de diversas coisas, como objetos, comidas, cheiros e, principalmente, fotografias. Esses blocos de materialidade se colocam para mim como mundos, como dados, memórias objetos, memórias afetos que permitem que o meu trabalho como artista seja alimentado. Esses blocos de memórias afetivas múltiplos, eu os tenho como mote para aquilo que chamo de coleta dos afetos, coletas que passa por objetos biofamiliares

A memória imagética pode ser encontrada de diversas formas, como registro jornalístico, objeto de arte, registro documental, produção cinematográfica ou até mesmo fotografias familiares. Contudo, cada tipo de imagem tem uma função específica. Como cita Clarisse Ehlers Peixoto (2001) em seu artigo, “Se os filmes de história evocam memória social através da narração de um tempo, as fotografias e os filmes de família guardam a memória do grupo familiar, deixando registrado os flagrantes do cotidiano mas, também, as cerimônias que marcam a vida familiar como os nascimentos, aniversários, casamentos, festas natalinas, entre outras.”, relacionando filmes e imagens fotográficas familiares, inserido no livro *Imagem e Memória: Ensaios em Antropologia Visual*.

Nessa nova formação familiar, as imagens fotográficas mais antigas que tenho registro são duas, a primeira retrata meus bisavós sentados em frente a sua casa, que fica localizada na Rua Estrada Nova, Bairro da igreja, número 509, Capanema - Pa (Imagem 40) e a outra no dia do velório da minha bisavó (Imagem 39), com os familiares ao redor do caixão.

Imagem 40 – Maria e José Abud sentados à porta da sua casa em Capanema – PA.



Fonte: Álbum família Abud. (Século XX)

Imagem 39 – Velório Maria Abud rodeada pela família.



Fonte: Álbum família Abud. (Século XX).

E quando fui conversar com meu avô sobre essas imagens, ele lembrou diversas histórias que viveu ao lado de seus pais como: as comidas que mais gostava que sua mãe fizesse, que seu pai queria que ele aprendesse a falar árabe (mas o mesmo só fazia isso na sua presença porque não gostava da língua), o que seu pai fazia como ofício para ganhar dinheiro e sustentar a família, a religião, que vieram para o Brasil e não trouxeram nada com eles, etc. Ao fazer ativar a memória, por meio das imagens, suas narrativas também me ensinavam, me faziam compreender a sua cultura, seus costumes. Essa memória afetiva ativada já não é mais dele, da sua mãe, da sua família, ela agora pertence a um coletivo familiar, mostrando uma história, um registro, inclusive, de suas dores ao lembrar do seu (des)patriamento. O que me faz pensar do (des)patriamento de muitos imigrantes.

Mas quando fui pensar na questão atual de como a fotografia fora democratizada e está sendo utilizada de forma indiscriminada em redes sociais, jornais, redes televisivas etc. Penso que essa relação afetiva com a própria imagem fotográfica está se perdendo, não somente pela facilidade da retirada, mais pela velocidade que uma imagem se espalha para várias pessoas. Fazendo com que o processo de preparação que acontecia anteriormente para o fazer fotográfico e a exposição da mesma, não tenha mais tanta importância.

A imagem do velório de minha bisavó, por exemplo, podemos observar o alto grau de preparação até na pose das pessoas ali presentes, que realmente estavam pousando para o fotógrafo. Além de identificar que a mesma foi feita por um fotógrafo profissional, pela estética inserida nela através do foco, posição, luz, organização espacial, etc. Assim como a potencialização da expressão facial principalmente de meu avô. Justamente pela posição escolhida pelo fotógrafo, fazendo mesma se tornar uma possível obra de arte, ou uma obra de memória.

Atualmente, a imagem fotográfica mortuária dificilmente é utilizada em velórios, como forma de recordação, mas sim como forma sensacionalista, retirada por civis ou fotógrafos, geralmente em momentos de algum tipo de desastre. E a exposição e divulgação dessas imagens fazem com que a cultura, anteriormente, utilizada de forma artística, perca esse significado e se torne uma simples exposição trágica.

E com essa inspiração do meu trabalho como artista visual toma forma a partir da rede social familiar, com a feitura de um álbum fotográfico (Capítulo 4), que está sendo montado ao longo do processo de construção da pesquisa sobre imagens fotográficas familiares, com inspiração inicial nas duas imagens acima citadas, que se desdobraram na montagem desse objeto, o mesmo contém imagens fotográficas de todos da família LAMELA ABUD (imagem 41).

Imagem 41 - Família Lameda Abud



Fonte: Álbum família Abud. (Século XX).

Esse álbum ou *objetoartisticográfico*, como renomeei no título, reúne meus bisavós e todos os meus familiares, desenhos das crianças, algumas cartas de familiares para os meus bisavós e produções artísticas que retratam o que penso e sinto sobre lembranças marcantes que tenho da família. Chamo de rede social (memória coletiva) por o mesmo ter sido montado a partir de memórias de todos da família, através da visão particular de cada um o mesmo foi sendo construído, criando vida própria,

tornando-se um objeto autobiográfico familiar, um *objetoartisticográfico*, ao ponto de quem tiver acesso ao objeto não consiga identificar se as histórias ali contadas são reais ou não, como cita Paula Sibilia (2016):

[...] Uma primeira aproximação, porém, leva a definir essas novas práticas como pertencentes aos gêneros autobiográficos. Essa categoria artística carrega uma longa história e contempla diversas manifestações que vão das cartas aos diários íntimos passados pelas memórias, pelos álbuns e pelas autobiografias. Mas essa definição tampouco é simples, pois não há nada inerente às características formais ou ao conteúdo das obras desse tipo que permita diferenciá-las claramente das ficções. (SIBILIA, 2016, p. 56).

3.3 De Luto

Minha relação com a imagem da morte é algo bastante peculiar, pois às vezes sinto como se tivesse necessidade de lembrar a perda para sentir saudade e recordar momentos. Faço isso constantemente através de imagens fotográficas. E isso se desencadeou quando eu tinha oito anos, pois minha melhor amiga faleceu por ter adquirido meningite e pela primeira vez vi uma pessoa morta, dentro de um caixão. Lembro até hoje que meu pai me levantou para vê-la, porque o caixão estava fechado, já que a mesma havia falecido com uma doença contagiosa, e por medo, os pais dela preferiram que seu velório se desse de tal forma.

Quando penso na Vanessa (Imagem 10), penso em como fomos crianças felizes, que puderam brincar na rua, porque nessa época não havia tanta violência e nossa rua não era asfaltada e, por isso, quase não passava carro. Contudo, para conseguir lembrar de seu rosto, hoje em dia, preciso ter fotografias da época, pois a situação de tê-la visto dentro de um caixão, fora tão traumatizante na época, que não consigo lembrar de seu rosto com vida.

Imagem 42 - Vanessa em seu aniversário de 8 anos



Fonte: Arquivo pessoal Família Siqueira (Século XXI)

Lembro muito dela quando assisto ao filme *Meu primeiro amor*, na hora em que a atriz principal lê o poema que fez no curso de poesia que participava:

Salgueiro chorão com lágrimas escorrendo; Porque você chora e fica gemendo; Será porque ele lhe deixou um dia; Será porque ficar aqui, não mais podia; Em seus galhos ele se balança; E ainda espera a alegria que aquele balançar lhe dava; Em sua sombra abrigo ele encontrou; Imagina que seu sorriso jamais se acabou; Salgueiro chorão pare de chorar; Há algo que poderá lhe consolar; Acha que a morte para sempre os separou; Mas em seu coração para sempre ficou (MEU PRIMEIRO AMOR, 1991).

Para mim, ele é um poema que expressa a questão da saudade e a preocupação com um amigo que partiu, e que a morte não é o fim, mas o começo de uma nova vida, nem que seja no coração daquele que lembra. Com o passar dos anos, e o meu próprio envelhecimento, a perda de pessoas queridas fora desencadeando cada vez mais o interesse nesse processo psicológico que o ser humano tem de se utilizar da arte, seja através de uma fotografia (que aqui se encontra como objeto de estudo) ou qualquer outro tipo de arte, para lembrar do ente querido que já partiu. Isso me persegue, fazendo com que o meu envolvimento com a fotografia mortuária esteja presente em meu trabalho. Como se ao olhar várias vezes a imagem ela tivesse a condição de me fazer crer que a morte não pode ser vista com horror. Sendo necessário o trabalho do luto para que o corpo vivo se restaure em sua dignidade.

Podemos perceber isso desde os tempos dos faraós onde o acontecimento da morte provocou a criação de diversos rituais e objetos que têm como função integrar o trabalho de luto. Alguns artefatos como fotografias, roupas, objetos de uso pessoal, que eram muito utilizados ou relacionados ao ente querido morto também se tornam peças de valor afetivo (com caráter de lembrança, registro histórico ou documental) e passam a ser reverenciadas, constituindo-se em objetos de culto e de devoção, dentre os quais as imagens do morto ocupam lugar de destaque, sendo importante lembrar que os retratos nascem do tradicional culto aos antepassados, ou seja, aos mortos.

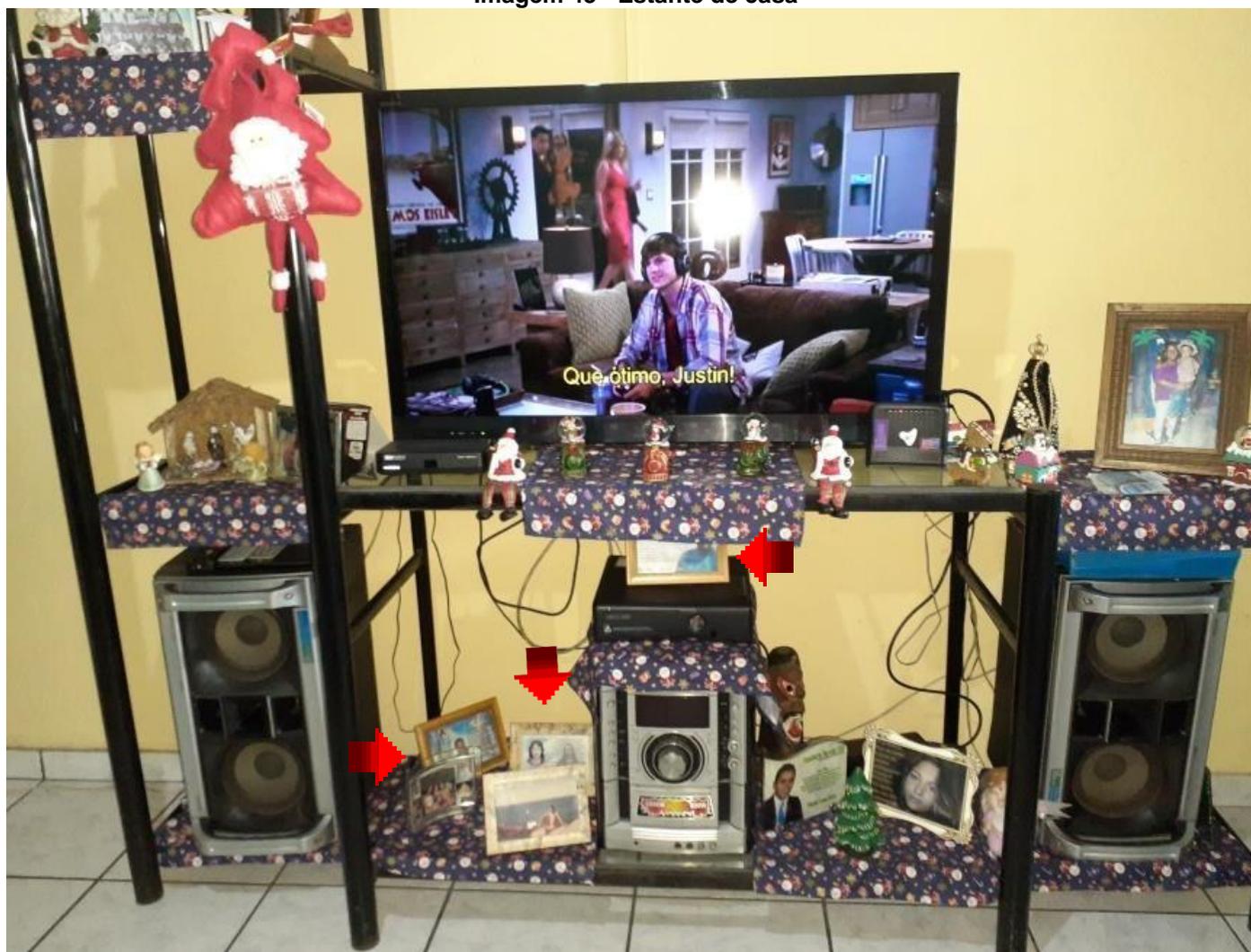
Nesse sentido, entende-se que a morte aflora memórias afetivas sobre o ente morto, tanto a memória individual quanto a coletiva. Assim, pode-se pensar que a necessidade de se preservar a imagem do morto, produzindo a sua representação, ou seja, seu retrato decorre principalmente da intenção de enfrentar a dor da perda. A representação imagética assume o papel de instrumento de apoio para o bom trabalho de luto, preenchendo um vazio deixado a partir do desaparecimento do corpo, e ainda, apresenta-se como uma forma de lutar contra a ameaça que cerca a todos os indivíduos, a assustadora ameaça do esquecimento. Assim na origem da imagem, identifica-se a morte, a ausência, a lembrança, o passar a separação dos que se amam. Inclusive e fundamentalmente quando o adeus é definitivo.

Em minha família, essa relação da imagem fotográfica no luto é bastante peculiar, pois ela é utilizada em vários momentos durante e depois do enterro do ente querido falecido. Não trabalharei especificamente a relação que os sírio-libaneses têm com a morte, contudo percebo uma ritualística nesses momentos em minha família.

O primeiro momento se dá durante o velório, neste momento é escolhida a fotografia que será utilizada na lápide e no convite de missa de sétimo dia, que será a mesma imagem utilizada para presentear nesse dia a todos os presentes, impressa em blusas e em uma foto mensagens. Durante essa escolha, uma parte da família reúne-se para olhar todas as imagens guardadas do ente querido que partiu, e este momento torna-se um momento nostálgico, cada pessoa presente lembra de algum momento passado com essa pessoa.

Contudo, o culto à imagem fotográfica *post-mortem* se dá no dia da missa de sétimo dia, as camisas e foto mensagem que foram distribuídas tornam-se parte desse processo de luto constante. Em minha casa, por exemplo, minha mãe expõe em portas retrato na estante (Imagem 43) da sala todas as fotos mensagens (Imagens 44, 45, 46) de familiares, tanto da família dela (Lamela Abud), quanto a do meu pai, e quando o porta-retrato fica velho ou quebra ela o repõe quase que imediatamente, colocando-o no mesmo lugar que estava anteriormente.

Imagem 43 - Estante de casa



Fonte: Arquivo pessoal, Patrícia Abud Souza (2020).

Imagem 47 - Altar mexicano cemitério Mixquic - México



Fonte: Arquivo pessoal, Patrícia Abud Souza (2019).

O ápice da imagem fotográfica mortuária se deu nos anos de 1860, quando ocorreu o verdadeiro império da indústria e do comércio. Todos queriam mostrar sua cultura, através de imagens, desde as coisas mais simples como as habitações da época até os acontecimentos históricos. Ou seja, a imagem fotográfica pode ser utilizada tanto como arte quanto como instrumento da mídia ou como registro documental. O fotógrafo que capta imagens artísticas verá a mesma de um jeito diferente do jornalista. Há pessoas que discutem sobre essas duas formas de encarar a fotografia, e Ivan Lima (1987) comenta o assunto, dizendo que:

[...] a primeira providência a ser tomada para compreender a fotografia é separá-la em duas partes: a fotografia pictural da fotografia funcional, a arte da informação. O objetivo segundo o qual se realiza uma fotografia é o que permite distinguir uma da outra. O privilégio que o fotógrafo dá à criação ou à informação é que determina, de saída, que gênero de fotografia ele está interessado em fazer. A fotografia pela qual é passada uma ideia ou simplesmente uma notícia. No momento da criação da

imagem, o fotógrafo pictural exprime o que lhe interessa, o que ele acha que é belo. Ele não está interessado em informar e sim em formar (LIMA, 1987, p.15).

Qualquer imagem relacionada a uma morte pode ter a intenção de transmitir informações ao leitor, sobre algum acontecimento, ou pode somente ser usada para contagiar o usuário para a temática, fazendo-o pensar sobre o assunto. A fotografia como arte se preocupa com a beleza da imagem e como será passado um conceito através da mesma, como ressalta Boris Koosoy (2001):

A fotografia, por ser um meio de expressão individual, sempre se prestou a incursões puramente estéticas; a imaginação criadora e pois inerente a essa forma de expressão; não pode ser entendida apenas como registro da realidade dita factual. (...) Seu respectivo registro visual documenta a atividade criativa do autor, além de ser, em si mesmo, uma manifestação de arte (KOOSO Y, 2001, p.49).

A prática de fotografar o morto parece apontar para algumas noções e conceitos perceptíveis nestas imagens, independente de fatores culturais específicos de cada grupo social, ou seja, o que vemos nas fotografias mortuárias é resultado de todo um esforço para perpetuar uma imagem bela do morto. Ora, enfeitar-se para tirar retrato era ato comum na sociedade ocidental no século XIX e até meados do século XX. Era uma ocasião especial, na qual muitos buscavam se apresentar com seus melhores trajes e ornamentos, bem penteados e maquiados. O retrato fotográfico, assim, contém uma imagem idealizada do indivíduo, de sua família e amigos. Esta mesma lógica se aplica à foto, tornando-se um ciclo cultural da preparação da fotografia mortuária, assim como ressalta Peter Burke (2004):

As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim, visões contemporâneas daquele mundo [...] O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por diante [...]) Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais [...] No caso de imagens, como no caso de textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos mas significativos – incluindo ausências significativas – usando-os como pistas para informações que os produtores de imagens não sabiam que eles sabiam, ou para suposições que eles não estavam conscientes de possuir (BURKE, 2004, p. 236-237).

Entretanto, é importante ressaltar que essa preocupação com uma boa apresentação do defunto não é inaugurada com a prática de retratar os mortos. A fotografia mortuária foi incorporada, no século XIX, a uma rede composta por vários ritos fúnebres, os quais já eram orientados por certas concepções culturais e religiosas sobre a morte. Assim, de modo geral, pode-se

considerar que, ao menos nas sociedades cristãs ocidentais, existe há vários séculos uma sequência básica de ritos mortuários: preparação do corpo, velório, cortejo fúnebre, sepultamento. Como relata João José Reis (1991), quando trata sobre os funerais de pessoas abastadas de Paris:

Em Paris, em 1625, 345 irmandades cuidavam com desvelo dos funerais e das missas pelas almas dos associados. Os ricos, sobretudo, inspirados na morte dos soberanos, faziam de seus funerais e missas fúnebres um espetáculo de “profusão barroca”, para usar a expressão de Vovelle, e especificavam tudo cuidadosamente em testamento. O funeral barroco se caracteriza pela pompa: o luxo dos caixões, dos panos funerários, a quantidade de velas queimadas, o número de participantes no cortejo – de padres, pobres, confrarias, músicos, autoridades, convidados –, a solenidade e o número de missas de corpo presente, a decoração da igreja, o prestígio do local escolhido para sepultura (REIS, 1991, p. 74).

Especialmente no século XIX, segundo Rodrigues (1983), três fatores marcaram as concepções de morte e os rituais fúnebres que irão perdurar até meados do século XX. De acordo com o autor, verifica-se neste período uma apropriação familiar da morte, além disso, os últimos momentos do moribundo em seu leito tornaram-se menos públicos. Por fim, passa a manifestar-se uma necessidade de exibir a dor, de mostrá-la à sociedade: geme-se, grita-se, desmaia-se, quer-se morrer, partir com o morto. Ora, num tal contexto, o ato de mandar fazer um retrato do morto se alinha a uma mentalidade da morte que prioriza os rituais fúnebres como eventos essencialmente públicos. Assim, podia-se fazer um retrato do morto antes do velório, ou mesmo enquanto este estava em curso; era possível, ainda, tirar uma foto do morto no cemitério, antes do sepultamento.

O que importa ressaltar é a existência de um planejamento que visava ordenar, para que pudesse se tornar pública, a morte. Daí a importância de arrumar o morto e os locais onde ele seria inserido. A foto do defunto é incorporada, assim, como um dos ritos fúnebres, e compartilha das concepções culturais que orientam esses rituais, em especial a preocupação em garantir uma bela aparência ao defunto para se certificar de que ele gozava de uma boa morte, ou seja, havia morrido de forma tranquila.

Esses elementos se entrelaçam de tal forma que se torna difícil considerá-los separadamente numa análise desse tipo de foto. Entretanto, em princípio, parece ser característica comum nos ritos fúnebres ocidentais – em meio aos quais se fazia a foto do morto – a preocupação com a bela aparência do morto. Feições belas e serenas poderiam apontar para os familiares que seu ente querido havia realizado uma boa passagem para o mundo dos mortos. Como relata Rodrigues (1983), no livro: “Tabu da morte”, é

o fechamento de uma boa vida. Por isso, surge com força à noção de cuidados paliativos, e com ela uma nova representação social do morrer. Atualizam-se, assim, os estudos sobre a morte, construindo-se para ela, um novo modelo.”

Percebendo, portanto, que o imaginário coletivo acerca da bela morte e da boa morte orienta a construção estética da fotografia mortuária. A constituição destas ideias se modificou com o tempo, mas elas estão presentes em determinadas imagens de mortos individualizados. Além do que, a morte, também, envolve questões religiosas e morais é um terreno que está além do controle humano e, pior ainda, possui um caráter definitivo. E a sociedade ocidental contemporânea parece, justamente, ter entre seus mais importantes valores a vida.

Desta forma, segundo Rodrigues (1983) diversas práticas fúnebres e de luto, assim como tudo o que se relacione ao tema da morte, vem sendo cada vez mais afastadas do cotidiano do homem ocidental urbano contemporâneo. Vê-se a morte em filmes, livros, jogos eletrônicos e veículos de comunicação, diariamente. Mas a morte, enquanto fenômeno biológico desencadeado de uma série de manifestações e sentimentos socialmente compartilhados não se insere no diário das pessoas no Ocidente. A morte é o grande tabu contemporâneo, fazendo com que ela se afaste cada vez mais do convívio familiar. Já não se vela o morto em casa; todo um sistema de comércio é gerido, os corpos são postos em locais sem história, sem costume, distante do seu pertencimento em vida por meio dos locais específicos para os velórios. Tudo isso contribui para a perda da experiência, a perda da memória. Pois falar sobre morte é uma tarefa difícil numa cultura a maioria das pessoas nem mesmo querem pensar sobre ela. Diante de uma cultura do corpo jovem, viril, de aparente saúde, o homem urbano ocidental sente medo pelo fato de a morte ser certa, e ao mesmo tempo repleta de mistérios.

Assim, pode-se dizer que, na atualidade, a morte é vivenciada sem grandes problemas como situação e entendimento, mas a partir do momento em que se manifesta como dor ela passa a ser repelida, como fala Edgar Morin (1970), trata dessa contradição nas formas de percepção da morte na sociedade atual. Para o autor, apesar de uma exposição cotidiana à morte, cria-se em torno dela uma série de tabus, como se vivenciar a morte do outro como se fosse algo recriminável. Assim, há quem

defenda a posição de que a sociedade atual tente a provocar uma invisibilidade da morte, uma naturalização tão grande pela perda da sensibilidade.

Contemporaneamente, vivencia-se um posicionamento ambíguo com relação à morte: ela está presente todos os dias nos meios de comunicação, mas ao mesmo tempo muito distante do cotidiano das pessoas. A morte anônima é consumida com relativa tranquilidade, ao passo que há uma tendência a se evitar um contato com um morto particularizado, numa tentativa de afastar a dor e o luto.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA

4.1 Processo de produção de artista em luto

Desde quando iniciei minhas pesquisas artísticas, no período da minha graduação, percebi que minhas inspirações vinham de situações de tristeza, sejam elas por quais motivos fossem, por um término de relacionamento, por uma notícia triste de um amigo ou familiar, por uma notícia jornalística chocante, ou até a morte de uma pessoa querida. Meu combustível artístico precisava sempre ser algo que me chocasse, que conseguisse me fazer para de falar, que, literalmente, me calasse, me deixando sozinha com meus pensamentos.

E observei que minha vida adulta se iniciou realmente nesse período, pois foi quando percebi que meu corpo estava ficando mais velho e que coisas ruins aconteciam, também, com pessoas que estavam próximas a mim, pois, mesmo já tendo passado por situação de perda, desde muito nova, como falei anteriormente, percebo que a morte para uma criança é interpretada completamente de forma diferente que para um adulto. A inocência da criança faz com que o processo de luto seja superado de forma mais rápida, claro que isso acontece se a situação não tiver sido traumática para a mesma, pois para um adulto o luto dura

em média de três a um ano e em alguns casos pode durar até dois anos sem ser considerado uma patologia, dependendo se a pessoa parou totalmente sua vida ou não.

A primeira situação que me fez estrar nesse estado de auto reflexão foi a notícia de que um vizinho haveria falecido, por incidência de um ataque epilético sofrido enquanto brincava na rua. Pois, quando era criança a rua de casa não era asfaltada, tinha muitos buracos e quando chovia enchia de possas de água. A história que foi contada por todos os vizinhos foi que o menino sofreu um ataque epilético enquanto estava brincando sozinho, contudo, nesse dia havia chovido e o mesmo caiu com a cabeça dentro de uma possa d'água, o que o fez morrer afogado.

Lembrei-me dessa história quando estava cursando uma das primeiras disciplinas do curso de Graduação em Educação Artística, a qual mexeu muito comigo, assim como havia mexido na época que ocorrera. E isso me fez começar a observar que o processo do luto não precisa ser somente em caso de mortes.

Essa lembrança tornou-se meu primeiro trabalho artístico performático, comecei a simular ataques epiléticos em espaços públicos, para conseguir interpretar a empatia que as pessoas que passavam por alguém que estava sofrendo com tal doença sentiam ao se deparar com a mesma, ao ponto de quererem ajudar, ou não.

A performance/simulação (imagens 16 e 17) mais marcante foi a primeira, pois como muitos falam, a primeira vez nunca se esquece. Isso aconteceu por ela ter sido levada a uma interpretação completamente diferente da esperada. Pois, quando decidi fazer essa performance, queria fazer em um local que tinha conhecimento que haveria uma circulação grande de pessoas, e por conta disso fiz na Avenida Presidente Vargas em Belém do Pará.

Imagem 48 e 49 - Simulação ataque epilético, trabalho da disciplina FECA I, UEPA.



Fonte: Woylle Masaki (2006).

No dia escolhido, fui com amigos da universidade para que pudessem filmar e tirar fotos de longe, e como dois antiácidos no bolso da calça, quando decidi que estava na hora de iniciar a performance, coloquei-os na boca, quase que instantaneamente, muitas pessoas se aproximaram, alguns curiosos, outros estavam tentando ajudar, mas não sabiam muito bem o que fazer, e uma senhora que foi o ponto principal da obra.

Esta senhora, que não vi exatamente de onde apareceu, começou a fazer uma oração forte segurando minha cabeça, dando comando de afastamento espiritual, fazendo gestos com a outra mão direita, resumindo, ela acreditava está exorcizando. E quando percebi isso, deixei que acabasse de fazer o seu “trabalho”, pois sua participação fora de extrema importância, até porque ela fora a única que teve coragem de tentar algo.

Além dessa situação, outras várias aconteceram no decorrer do meu processo de amadurecimento até os dias atuais, como a perda de dois tios por parte de mãe, ambos em decorrência de cânceres malignos, e tais situações fizeram meu avô adquirir depressão, o que mexeu com a dinâmica da família inteira. Sendo que no dia que estava enterrando o meu segundo tio, fui para a primeira consulta com meu namorado da época, que havia acabado de descobrir que teria o mesmo problema de saúde.

Foi a primeira vez que percebi o quanto é ruim ter alguém tão próximo com uma doença que poderia matá-lo a qualquer momento. Não que a morte dos meus tios não tenham me abalado, mas a proximidade diária com a possível morte de alguém querido é uma situação muito angustiante. Pois, como ia a todas as consultas e participava de todos os momentos do tratamento de saúde dele, ficava muito abalada com a possibilidade de uma possível piora.

E essa situação me fez comparar minha vida com a vida dos meus alunos, na época, pois trabalhava em uma unidade de internação de menores infratores, onde haviam internos meninos de doze a quinze anos, e percebia que as famílias daqueles garotos passavam pelo mesmo processo de luto constante que eu. Percebia a angústia das mães ao irem visitar seus filhos e não saberem se a qualquer momento poderiam receberem notícias ruins de suas crias, mesmo muitas dessas famílias serem desestruturada, na grande maioria, havia amor.

Por isso produzi uma pintura mandala (Imagem 18), que fora exposta no Salão Primeiros Passos, no ano de 2011, mostrava toda a realidade que percebia dos meus alunados, tanto dentro quanto fora das unidades de internação, mostrando as situações que poderiam acontecer dependendo da escolha de cada interno, pois a última camada da mandala, mostrava o que poderia acontecer quando os adolescentes recebiam a liberdade através da fuga (morte), ou sendo liberada pelo juizado (saindo feliz com os pais), fazendo analogia com o céu e o inferno.

Imagem 50 - Obra “Mandala”



Fotografo: Josynaldo Vales Ferreira (2010).

As vivências que tive nesse período da minha vida mexeram muito com o meu modo de ver o mundo e as pessoas, pois sentia que tudo que eu fazia no meu dia a dia, tanto na vida particular quanto na profissional poderia ser “Algo perdido”, no caso dos adolescentes, uma educação perdida, por decorrência da grande incidência de morte dos mesmos, ao fugirem das unidades de internação. E na vida pessoal, de tempo e saúde mental, porque acompanhar uma pessoa que está doente em todos os seus procedimentos médicos requer muito engrandecimento psicológico, por não saber nunca se a pessoa que você deseja que fique bem saíria do próximo procedimento com saúde, podendo deixar uma lacuna em ambas as coisas.

Contudo, já tive que participar de velórios de amigos de infância, professores queridos, minha avó, tios, tanto por parte de pai quanto de mãe, mas sempre para qualquer pessoa há uma ausência que mexe mais. Minha madrinha é a pessoa que mais sinto falta de todas as citadas acima. Não produzi nenhuma obra artística, no processo de enlutamento que tive com a perda dela. Percebi que por uns meses a sua ausência mexeu comigo de forma diferenciada, e mexe até os dias atuais.

E é nesses momentos que consigo perceber onde em cada momento de minha vida, o processo de luto fora realmente luto e se transformou em algo criativo, ou poderia ser considerado melancolia. Pois, por não ter visto minha madrinha morta, quando fui à Campinas - SP, para apresentar trabalho na ABRACE 2019, cidade esta que ela morava enquanto viva, minha estadia fora extremamente angustiante e triste, por ter a sensação de que para onde olhava estava vendo minha madrinha viva, e essa sensação se transformou em algo ruim, como se não tivesse tido a oportunidade de dizer um último adeus, e quisesse, desesperadamente, encontrá-la, justamente porque era o que fazia todas as vezes que viajava para lá.

Compreendo que todo trabalho de luto envolve um processo de criação, assim como todo processo criativo traz dentro de si os mecanismos de transformação metafórica desencadeados pelo trabalho do luto. Acredito que o luto bem-sucedido resulta de um processo de transformação de quem fica aqui, transformando a tristeza em memórias, e em alguns casos em formas poética, plástica, musical ou obra científica.

À medida que a Psicanálise se desenvolveu, várias tentativas foram feitas para compreender as origens da sensibilidade e da criatividade artística. Quando Freud afirmou a existência de uma vida inconsciente e de formações simbólicas e metáforas funcionando no psiquismo, tornou possível uma interpretação psicológica das obras de arte e nos mostrou como a obra de um artista é produto da fantasia e tem suas raízes, tal como os brinquedos e sonhos infantis, na vida de cada pessoa, como descreve Hanna Segal (1993).

São as fantasias motivadas pelas ansiedades depressivas que colocarão em marcha o desejo de reparar e restaurar. O medo de perder ou sentir dor pelo que já foi perdido - que estão na base das ansiedades depressivas - suscitam o desejo de restaurar e recriar tanto os objetos amados quanto o próprio mundo interno que foi destruído. E é esse desejo de restaurar que leva à capacidade de criar e de sublimar. (SEGAL, 1993, p.59).

Uma abordagem “psicanalítica da estética” sugere que o impulso criativo está diretamente ligado à posição depressiva, segundo a autora. A “necessidade do artista é recriar o que sente nas profundezas de seu mundo interno”. Para isso, o artista cria um mundo que seja sentido como inteiramente novo. Dizemos isso para enfatizar que as obras de arte, seja na pintura, seja na literatura, têm o poder de nos transportar para dentro daquilo que há de mais singular e individual em nós e, ao mesmo tempo, o que há de mais universal, por meio de uma realidade perceptual e uma linguagem completamente novas, e isso vale tanto para o criador quanto para quem as usufrui.

Conforme Segal (1993), quando lemos um romance que nos impressiona, olhamos um quadro ou escutamos uma música, somos conduzidos para dentro de um completo mundo novo. E é um mundo que pertence, exclusivamente, à obra. Por mais realistas que sejam o pintor ou o escritor, dois pintores que pintam a mesma paisagem, ou o mesmo retrato, ou dois romancistas que descrevem a mesma sociedade, na realidade criam mundos exclusivamente seus.

Toda criação artística traz em sua base o desejo de trazer à vida objetos amados mortos, ou, de alguma forma, perdidos. O escritor Marcel Proust, em sua obra mais importante, *Em busca do tempo perdido*, nos diz que “um livro é um grande cemitério onde sobre a maior parte das lápides não se pode mais ler os nomes desbotados” (1927).

Esse processo de mergulhar nas próprias memórias, chegando às camadas mais profundas das experiências emocionais, envolve o movimento de reconhecer os próprios sentimentos, como o de incompletude, criando uma dependência dos objetos amados. Penso o trabalho criativo como uma metáfora das perdas e traumas sofridos, que se constrói no íntimo de cada indivíduo, o que é central ao processo de aceitação.

O artista desenvolve a habilidade para expressar o seu mundo interno de relações de objeto utilizando sua arte. Cada quadro, escultura, obra literária ou mesmo um trabalho acadêmico conta-nos uma história de angústias inescapáveis, dores inomináveis e um intenso desejo de restaurar e recriar no mundo externo e interno tudo aquilo a que foi preciso renunciar.

Acredita-se que a busca por um objeto ideal, íntegro, vivo e harmonioso parece ser o ponto de partida que impele à ação de criar, mas que também pode paralisar o artista, imobilizando a sua criatividade. No processo de criação, o artista deverá ser capaz

de se atrever a transformar sua imaginação/seu devaneio em realidade, confrontando as realidades interna e externa, o que, ao fim do trabalho, poderá reconhecê-la incompleta e inacabada tal como ele mesmo. A possível destruição imaginária do objeto ideal levará a um impulso para recriá-lo no mundo interno e externo do artista. Esse processo de destruição e recriação é o que dá vida à obra de arte. O público em contato com a obra passa pelo mesmo processo imaginário de destruir/recriar, e por intermédio da obra de arte o mundo interno de ambos passa por uma espécie de ressurreição, ou seja, um renascimento do sujeito psíquico pode acontecer.

4.2 Álbum de família

Quando decidi produzir um objeto artístico, como parte integrante da minha pesquisa, escolhi produzir um álbum de família, por todo o simbolismo que este objeto tem, não somente para a minha família, mas para todas que gostam de guardar imagens como forma de preservação de memória. Essa decisão se deu durante a aula da primeira disciplina obrigatória do curso de pós-graduação em arte, onde percebi que o tempo que tinha para o desenvolvimento de meu projeto inicial era pouco e que teria que focar em um só objeto de pesquisa, o que me fez focar somente uma família (a minha família, Lamela Abud), pois a intenção, anteriormente, era estudar a relação afetiva que famílias de descendentes de imigrantes tinham com as imagens fotográficas dos seus antepassados, especificamente trabalhando com imagens mortuárias, e para não perder o foco da pesquisa continuei com o mesmo objetivo, mas focando somente em uma família.

Quando se mexe com memórias, seja ela individual ou coletiva, acaba-se tendo que entender a visão particular de cada indivíduo para conseguir tirar conclusões sobre o todo o objeto estudado. E, por isso, resolvi iniciar minha pesquisa de campo revirando objetos e fotografias mais íntimas dos meus familiares, que foram guardados durante anos por minha avó Esmeraldina Lamela Abud, que depois de alguns meses após sua morte, minha tia Walquiria Lamela Abud, que mora na casa dos meus avós, e

cuidava da minha vó com todo carinho do mundo até seu falecimento e que também cuidou de meu avô (que veio há falecer pouco tempo depois da minha qualificação), autorizou que eu revirasse caixas com lembranças.

Nessas caixas encontramos diversos objetos e fotografias, imagens de quando meus tios e minha mãe eram crianças, vários objetos religiosos, como medalhinhas com imagens de santos, terços de diversos tamanhos e materiais, bijuterias que eram produzidas por minha avó, tecidos que ela utilizava para fazer pintura, bordados, boletins antigos dos meus tios e netos que ela criou, fotografias de todos os tipos e tamanhos, desde as clássicas, todos da família pousam juntos vestidos com a melhor roupa, assim como fotografias que eram tiradas no colégio no final do ano, até as mais descontraídas e naturais, onde ninguém está preocupado em fazer pose ou sorrir.

E durante essa remexida de caixas ia perguntando para minha mãe e minha tia Walquiria a história de cada fotografia que mais me chamava atenção, e elas contaram tantas histórias que achei importante ter a visão delas e da família como parte do trabalho, com isso pedi para cada adulto da família escrever em um papel de seda uma carta, para a meus bisavós, contando como está nossa família agora, as lembranças que cada um tem, como se fossem relatos da visão de cada um sobre a nossa família, e para as crianças um desenho, que para eles representasse essa visão que eles tinham sobre todos nós, contudo com o início da pandemia e as perdas em nossa família, as cartas ficaram difíceis de serem coletadas, e tentei respeitar o luto de cada um.

A intenção da carta no álbum era trabalhar a memória coletiva da família, misturando-se com minhas memórias individuais da mesma, pois sei que cada um vê essas imagens de uma forma diferente e tem uma relação diferente com a questão de sermos uma família descendente de uma cultura que nos dias atuais está praticamente extinta em nosso cotidiano. Pois meu avô que foi o único obrigado a aprender a língua, não a falava mais há anos, nossos casamentos não seguem os rituais originários, principalmente do casamento arranjado, o que ficou foi somente algumas fotos e a comida que é feita em ocasiões especiais.

E mesmo não sendo o objetivo explicar arte, enquanto a se produz, já me perguntaram, por que no papel de seda? E por que para meus bisavós? Escolhi o papel de seda para que o álbum fique com uma aparência de antigo, fazendo com que a leve

transparência que esse papel tem faça com que as palavras escritas lá façam parte das montagens fotográficas que estão sendo produzidas no álbum. E escolhi meus bisavós, porque eles foram o que iniciaram essa constituição familiar conhecida por mim nos dias atuais, pois se não tivessem vindo para o Brasil hoje teríamos outros costumes, outra cultura, e possivelmente meu avô teria se casado com uma libanesa, como era o desejo da dona Maria, o que mudaria com certeza todo o destino de nossa família. E há registro que foram uns dos primeiros imigrantes sírio-libanês a chegar no Pará, na cidade de Capanema, como mostra a citação de Zaida (2001).

Abud: Chegaram no Pará no início do século XX. Os primeiros foram José e Abdo (Abdon) e, depois, em 1928, veio Salim Saab Mouraeb, juntamente com sua esposa Zahia Daou Mouraeb, que se estabeleceram em Capanema. [...] O historiador Issa Maluf afirma que essa família é de raiz da família Chantiri. No Líbano muitas personalidades se destacaram, como os professores doutores Antônio, André e Felipe. No Pará fizeram muitas realizações no comércio, turismo e muitos membros dessa família têm graduação nas mais diversas áreas (ZAIDAN, 2001, p. 238).

Encontrei através de registros do consulado que o nome do meu bisavô não era realmente José, por isso a confusão na citação acima, nome dele em árabe بودي و سرف ع (Youssef Abboud) que fora modificado na vinda para Brasil como fora explicado anteriormente. Como podemos observar na imagem 19 abaixo:

Tabela 1 - Registro de Imigrantes Libaneses no Brasil

Nº do documento	Nome e sobrenome	Local e Data de nascimento	Nome e Sobrenome (em português)	Local e Data de nascimento (em português)	Nome do pai	Nome da mãe	Nome da esposa	Nome dos filhos
193	نجم طانوس عبود	مجدل معوش 11/3/1895	JOAO TANIOS ABUD	MEJDEL MAOUCH 11/3/1895	طانوس	سوسان		
221	شكري عبود أبي زيد	برج البراجنه / بيروت 1	CHICRI ABUD ABIZAID	BORJ EL BERAJENEH 1908	عبود	ونديجه		
270	شكري عبود أبي زيد	برج البراجنه 1910	CHICRI ABUD ABIZAID	BORJ EL BERAJINEH 1910	عبود	ونديجا		
514	سعدى داود عبود	حارة صخر / جونية 10/1	SAADA DAVID ABUD	HARET SAKHER 10/12/1890	داود	اماليا		
844	يوسف عبود	القاع/بعلبك 29/9/189	JOSE ABUD	EL KAH	BAALBEK 29/9/1891	عبود نايف	حنه	عطون

Fonte: Tabela retirada do site do Consulado Geral do Líbano no Rio de Janeiro.¹¹

A parte da tabela que foi recortada do site do consulado traduzida pelo Google Tradutor ficaria como na tabela 1 abaixo:

Tabela 2 - Tradução dos Registros de Imigrantes Libaneses no Brasil

Nº do documento	Nome e sobrenome	Local e Data de nascimento	Nome e Sobrenome (em português)	Local e Data de nascimento (em português)	Nome do pai	Nome da mãe	Nome da esposa	Nome dos filhos
193	A estrela de Tanus Abboud	Majdal Meouch 11/3/1895	JOAO TANIOS ABUD	MEJDEL MAOUCH 11/3/1895	Tanos	Susan		
221	Shukri Abboud Abi Zaid	Bard Barajneh / Beirute	CHICRI ABUD ABIZAID	BORJ EL BERAJENEH 1908	Abboud	Deposit		

¹¹ Disponível em: <http://riodejaneiro.mfa.gov.lb/riodejaneiro/portuguese/lista-de-first-granparents>.

270	Shukri Abboud Abi Zaid	Burj Al-Barajneh 1910	CHICRI ABUD ABIZAID	BORJ EL BERAJINEH 1910	Abboud	Adeus		
514	Saadi Dawood Abboud	Haret Sakher / Jounieh 10/1	SAADA DAVID ABUD	HARET SAKHER 10/12/1890	David	Amalia		
844	Youssef Abboud	Al-Qaa / Baalbek 29/9/189	JOSE ABUD	EL KAH	BAALBEK 29/9/1891	Abboud Nayef	Hannah	Perfumes

Fonte: Consulado Geral do Líbano no Rio de Janeiro. Tradução pelo próprio autor através do Google Tradutor(2021)

O álbum fotográfico foi pensado para parecer um objeto antigo, cada página representa alguém da minha família ou ela inteira. O preto é utilizado como fundo da tela, de forma neutra, buscando dar destaque para os elementos que estão compondo o álbum. Além disso, a cor torna-se importante pelo simbolismo que um álbum de fotografia tem, o mesmo guarda imagens de situações que a partir do momento que acontecem tornam-se passado, e estão propensas ao esquecimento, principalmente se a imagem for de alguém que já tenha falecido. O que mostra a importância do álbum de fotografia, por ele ser um objeto que conta a história daquela família, pois é impossível algo ou alguém com o passar dos anos não ser esquecido se os seus sucessores não preservarem a sua memória viva, como fala Yosef Hayim Yeruhalmi parafraseando Nietzsche (2017).

[...] Trata-se de saber esquecer propositalmente, assim como se sabe lembrar propositalmente; deve haver um instinto vigoroso que nos advirta quando é necessário olhar para as coisas historicamente e quando é necessário vê-las não historicamente. Eis aqui o princípio sobre o qual o leitor é convidado a refletir: o sentido não histórico e o sentido histórico são igualmente necessários para a saúde de um indivíduo, de uma nação, de uma civilização. (YOSEF HAYIM YERUHALMI, 2017, p.12)

Por isso acredito que o álbum de fotografia tem essa função do não esquecimento proposital. E lendo o livro “Usos do Esquecimento”, mesmo livro que se encontra a citação acima, me veio uma pergunta a mente: Será que penso tanto no

esquecimento por causa do meu berço cristão? Pois na Bíblia Hebraica, no *lócus classicus* podemos encontrar em Deuteronômio (VIII):

Então, preste atenção, bastante atenção. Não te esqueças do Senhor Deus. Não negligencies suas leis e seus mandamentos que hoje te ofereço. Não te atires ao orgulho e te esqueças de que deves isso tudo ao senhor, teu Deus, ele que te tirou do Egito, onde te encontravas escravo... porque se vieres a esquecer alguma vez o Senhor, teu Deus, se adorares e servires outros, eu te previno, hoje, que desaparecerás (Deut, VIII, p. 11, 14 e 19)

Entendo que esta passagem é bastante ríspida com relação a todo o pensamento cristão contemporâneo, onde os próprios representantes da igreja católica e as pessoas que a frequentam mudaram bastante seus pensamentos, os ensinamentos que minha avó me deu sobre a Bíblia quando era criança era bem próximo ao texto. E mesmo não sendo o que representa meu pensamento sobre o assunto, ele deve ter ficado de forma inconsciente em minha memória, e só percebi isso ao ler este livro.

E na verdade, mesmo acreditando em Deus, vejo essa passagem da Bíblia como algo bastante romantizado, pois uma pessoa que nunca tenha lido nada sobre Deus não tem como esquece-lo justamente por nem saber da sua existência, e mesmo para uma pessoa que tenha lido a Bíblia, não consigo entender como obrigatório, a sua lembrança, já que ninguém vivo atualmente já viu Deus, as pessoas acreditam, simplesmente porque tem fé, não por que já o viu. E é essa idéia que me faz querer continuar o legado do meu bisavô e querer tanto falar dele, da minha bisavó, mesmo eu não tendo conhecido eles, quero deixar algo que faça com que suas memórias continuem vivas. E mesmo sabendo que não se pode ter memória de algo que não se viveu, acredito que juntando as imagens de família e as memórias das pessoas que os conheceu, posso tentar guardar nem que seja uma parte de sua identidade. Yosef Hayim Yeruhalmi (2017) fala que uma pessoa ou povo inteiro pode lembrar de algo mesmo que não tenha vivido, assim como esquecer e que um povo só esquece o passado, quando o grupo detentor desse conhecimento não passa o mesmo para as gerações futuras.

Então assim como a vida, iniciarei esse álbum pelo início, ou seja, pela capa. Penso a capa do álbum como algo bastante importante, pois quando não conhecemos algo ou alguém os analisamos pela sua aparência inicial, há até uma expressão para

esse comportamento “julgando pela capa”, e para que as pessoas tenham um bom julgamento sobre minha família, pensei a capa como algo simples focando somente na foto dos meus bisavós, como se fosse uma imagem 3x4 simples, pois lembrei que na casa dos meus avós, na estante da sala, minha avó sempre fez questão de escolher minuciosamente os portas retratos para por as fotos dos netos.

O que me fez escolher um porta retrato redondo, pensando no simbolismo do ciclo familiar, que querendo ou não construímos por causa dos meus bisavós. O mesmo é composto por pedras brilhantes, escolhido por ser uma lembrança afetiva minha, pois quando era criança este era o modelo dos portas retratos que tinham na estante da minha avó, e sempre pensei neles como os que guardavam as fotos mais preciosas, justamente pelas pedrinhas brilhosas que os enfeitava e por ser uma das coisas mais emblemáticas da cultura árabe, que é as pessoas gostarem de se enfeitar com joias, principalmente as mulheres.



E mesmo sendo uma dubiedade a primeira imagem fotográfica do álbum comecei com a imagem da morte, a morte de uma matriarca, com simbolismo de que tudo há um início e um fim. Ela tinha um temperamento extremamente forte e que deixou um legado enorme para seus descendentes que era preservar sua memória. Por isso acho importante alguém falar de morte, pois mesmo sendo um tema desconfortável, até para mim, vejo a fotografia como um elo entre aqueles que já partiram e os que ficaram, pois a imagem fotográfica é um dos únicos objetos que pode realmente guardar a imagem de alguém que já partiu como a pessoa realmente era fisicamente. E percebo isso com mais exatidão agora, pois com o tempo, mesmo que não queiramos, começamos a esquecer de detalhes das pessoas que convivíamos e já morreram, mesmo que as amássemos muito, de forma gradual vamos esquecendo.

Quando olho para essa imagem não vejo algo feio, tosco, que me dê medo ou repulsa, vejo uma fotografia extremamente bem trabalhada (para os padrões da época), que explora de forma extremamente forte os sentimentos das pessoas que ali se encontram. Dava para perceber na imagem a tristeza do meu avô, que sentiu ao perder a sua mãe, que já estava com idade bastante avançada, mas as pessoas nunca estão preparadas para perder ninguém. E sei o quanto ele estava sofrendo neste momento por ter vivenciado e estado ao lado dele nos momentos de perda de dois tios. Observo o quanto ele era forte e, ao mesmo tempo, frágil nesses momentos de perdas, pois para os que vão até os velórios dá as condolências, tentava se mostrar calmo e sereno, para que ninguém percebesse o quanto estava sendo sofrido aquele momento, só sabíamos realmente o que ele sentia com a convivência, dentro de casa, com pequenas atitudes, como parar de comer, ler e falar. E por isso o mesmo não sabia da partia de minha avó, até a data da sua morte, por temos medo dele entrar nesse processo melancólico novamente.

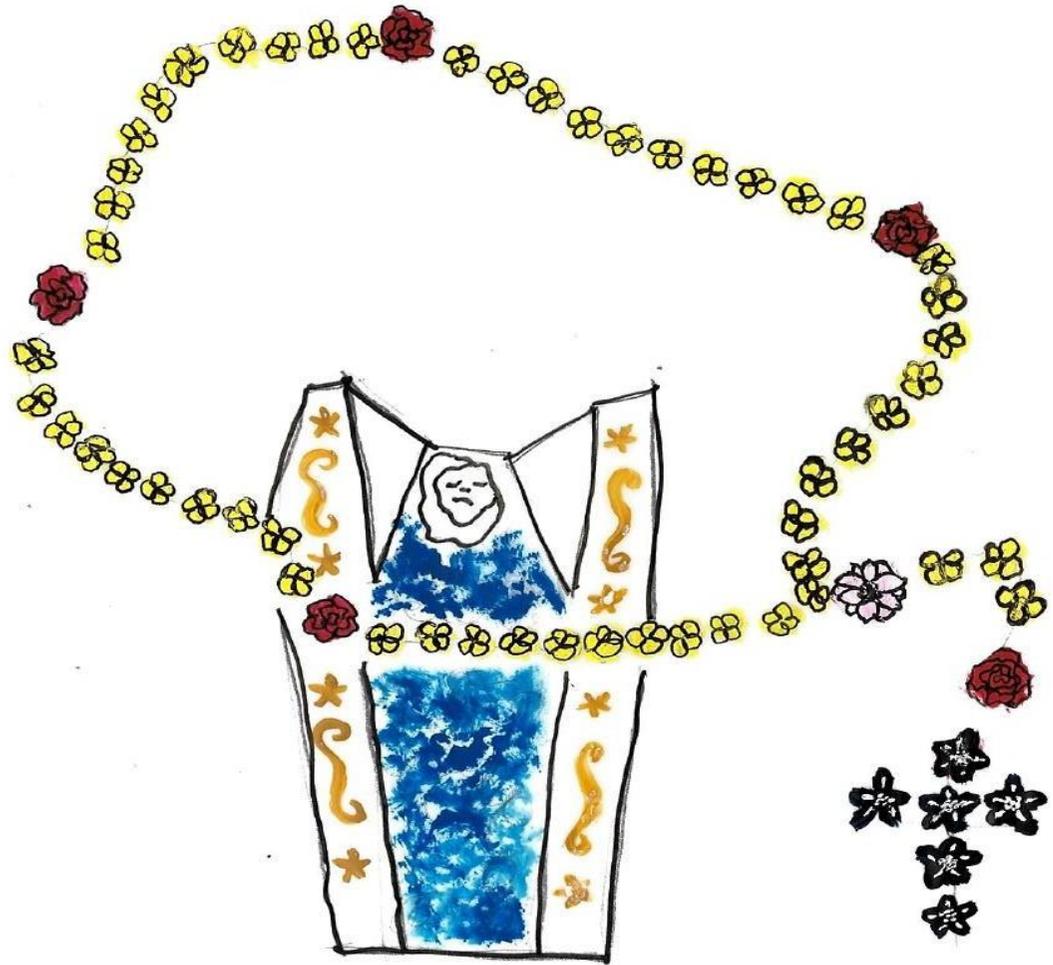
E é nesses momentos que penso que a imagem fotográfica pode auxiliar sim no processo do luto, seja em qual faz a pessoa se encontre, lembrar de momentos bons com um ente querido proporciona pequenos momentos de prazer, que somente a imagem fotográfica pode proporcionar, pela memória afetiva que a mesma proporciona em qualquer indivíduo. “Todo núcleo familiar possui um acervo fotográfico, espécie de patrimônio simbólico que assegura um ideal de coesão, pertencimento,

identidade e referência. As fotos desse acervo atestam um mundo cada vez mais musealizado, um desejo coletivo de puxar o passado para o presente, a fantasia de um arquivista maluco” como fala Huyssen (2000).

O terço grudado na fotografia demonstrar a questão religiosa que nossa família tem, este em específico ganhei de minha avó aos 8 anos de idade, no período que fazia primeira comunhão, foi o primeiro que ela me deu, guardei durante anos como se fosse um objeto de grande valor material, mas que na verdade só tem um simbolismo afetivo.

Como neste ano de 2020 fomos surpreendidos por uma pandemia e por situações que acredito que ninguém esperava passar em um só ano, de uma só vez, não tive como continuar com a ideia de recolhimento das cartas, as que consegui receber estarão no trabalho, mas foram poucas, e por conta dos abalos psicológicos de cada um, quis preservar meus familiares da “obrigação” de escrever algo que pudesse mexer com seus sentimentos de uma forma que os mesmos não estivessem preparados, pensei isso escrevendo minha própria carta, que estará em Anexo 1, e por isso no lugar das mesmas produzi alguns, desenhos, colagens, pinturas, que remetessem ao que sentia sobre algumas imagens importantes para mim na minha família.

Por isso, antes da primeira página coloquei a primeira pintura, ela está relacionada à morte de minha bisavó, a fiz no caixão como na fotografia, mas acho tão bela a foto que a imagino deitada em um rio bem azul, rodeada de flores, que podem remeter tanto a coroa do flores quando aos arranjos de flores que servem de homenagens em velórios. Sendo que este arranjo tem o mesmo formato que o terço que se encontra junto a foto, terço feito com imagens de flores, onde cada tipo de oração a flor tem uma cor diferente, demonstrando a delicadeza e feminilidade que imagino que minha bisavó tinha, assim como quis dar importância para cada oração, representando-as de forma diferente.





Na segunda sequencia, escolhi por a imagem da união de duas famílias, a dos Abud com os Lamela, Família de descendência árabe, com espanhola. Na primeira foto está meus Bisavós José e Maria Abud e na segunda, minha bisavó Elisa Pires Lamela com minha avó Esmeraldina e uma vizinha com seu filho. Quando olho essas fotos consigo notar até a diferença social das duas família, os pais do meu avô não eram ricos, mas como moravam em Capanema e meu bisavô trabalhava como mascate (um ofício que na época era razoavelmente bem remunerado), tinham uma vida confortável, percebo isso pela formação da foto, pois eles estão bem arrumados, posicionados de uma forma como se um fotografo profissional tivesse feito a imagem, já na foto de minha avó com sua mãe, podemos ver sua casa ao fundo, uma moradia bastante humilde, feita de pau a pique, não há uma figura masculina na foto, pois minha bisa era viúva, ou seja minha bisavó criou minha avó sozinha, o que era muito difícil para uma mulher na época, para conseguir sustentar a filha vendia tapioca na feira da 25 de março com a ajuda do vó Esmeraldina.

Escolhi rosas para representar meus avós nesta parte, porque, desde quando, lembro de minha convivência com eles penso em ambos como pessoas fortes, que mesmo parecendo frágeis, aguentaram muitas coisas acontecendo em suas vidas, como a velhice, as doenças, perdas de filhos, etc. Assim como as rosas aguentam muitas coisas, sol intenso, chuvas fortes, animais querendo come-las ou pisoteá-las. Além disso, nada é mais simbólico que as flores pra representar essa união, pois era algo que minha avó gostava muito e o quintal florido da casa dela é um lugar que até os dias atuais passamos muito tempo.

As cores representam os temperamentos, do meu avô, mais brando, calmo, tranquilo, e minha avó uma “espoleta”, que não sossegava um instante, uma mulher com um coração enorme, muito religiosa, amorosa, mas que quando faziam qualquer coisa com as pessoas que amava virava uma leoa. E por fim o nó que une os dois, que foi uma união linda e duradoura de mais de 60 anos de casados. E por cima dessas imagens, estará a carta da minha prima Wanessa, que fala para nossos bisavós como estamos agora, da partida da vovó, o quanto nossa família cresceu, e como nossa união e amor uns pelos outros é importante.

Carta aos meus bisavós José e Maria.

Queridos bisavós,

Não cheguei a conhecê-los, mas sou muito grata por terem vindo para o Brasil onde constituíram sua família onde me deu um avô maravilhoso, seu filho Alfredo Nazir Abud, que de sua união com minha avó Esmeraldina nasceu nossa família (minha mãe), Walnira, Walnira, Waldis, Walnir, Walquíria e Walnir e adotaram mais um que não carrega o sobrenome Abud mas é tão da família e amado quanto se tivesse nascido de minha avó o Valdo.

Imaginem que esta quantidade de filhos gerou uma quantidade imensa de netos: 18, e esses netos estão formando suas famílias e os netos que ainda não tiveram filhos já são 15! É ainda falta

nostra família é muito grande, gostamos de estar juntos nas datas comemorativas ou sempre que dá, hoje já não tanto quanto quando eu era criança pois alguns já não moram na mesma cidade mas, sempre que dá nos reunimos. Temos muitos momentos felizes outros tristes, já não temos conosco muitos José e Walnir os filhos primogênitos e caçula de você que faleceram já há alguns anos e minha amada avó Esmeraldina que esse ano nos deixou, sei que é a vida toda mas, nunca estamos preparados para perder alguém que amamos mas continuamos vivendo bem e esperando um Deus poder comemorar os 100 anos do seu filho Alfredo meu avô querido que amamos muito! É que também nos ama demais.

Espero que um dia nos encontremos todos ao lado de Deus e poderemos reunir toda a família, como disse no início sou grata a vocês por terem vindo para o Brasil apesar de saber que não vieram pela vontade própria e sem um busco de uma vida melhor, mas graças a esta situação pudemos todos nascer nessa família e viver bem e constituir nossas próprias famílias.

Walnira



Na terceira sequência de imagens, quis explorar a questão da unicidade familiar que minha família tem, mostrando através das fotografias 3x4 de cada um, sejam das crianças dos adultos, as diferenças e particularidades que cada indivíduo, independente se são ou não da mesma família. Contudo a mesma se assemelhou bastante a uma árvore genealógica, com meus avós como figuras principais e os filhos secundários. Inclusive alguns, podemos observar, a flor abaixo de sua imagem ainda não desabrochou, fazendo referência aos filhos mais novos dos meus avós.

Os interliguei através de desenhos feitos à mão livre com giz pastel, de flores que fotografei do quintal da casa da minha avó. A flor escolhida foi o lírio, mesmo no quintal da minha avó tendo uma infinidade de plantas, escolhi esta pelo simbolismo da mesma dentro da raiz religiosa que minha família se construiu (Catolicismo) e da religião, que nos dias atuais, me representa (Umbanda).

Há registros que no século XVII, os lírios eram utilizados na decoração de igrejas para homenagear a Virgem Maria, simbolizando virgindade, pureza e santidade. Nesse caso, das flores eram retirados os órgãos masculinos e femininos da espécie, para tornar as flores verdadeiramente “virgens”. Até os dias de hoje, o lírio possui esse simbolismo, e é ainda bastante utilizado em buquês de noivas, na decoração de cerimônias de casamentos e festas religiosas em geral. Também é visto como uma flor sagrada, mencionado na Bíblia.

No Candomblé e na Umbanda, religiões afro-brasileiras, o lírio é a flor oferecida à divindade feminina Oxum, deusa dos rios, cachoeiras e águas doces. Em terreiros e casas de axé de todo o Brasil o Ponto de Oxum é cantado pelos fiéis que entoam os versos “Eu vi mamãe Oxum na cachoeira/ Sentada na beira do rio/ Colhendo lírios, lírios ê/ Colhendo lírios, lírios á / Colhendo lírios pra enfeitar nosso Congá.” Lírios brancos também são as flores que representam Oxalá, o orixá da criação. Já os vermelhos, que é o caso dos que pintei, representam a esperança pelo amor, o que para mim é a base de qualquer família.

Sobre essa “árvore genealógica” pus duas folhas de papel vegetal com imagens diferentes, a primeira é uma montagem de folhas coloridas, onde as mesmas formam a imagem de flores, simbolizando a questão da vida, da natureza e do início, pois esta é a formação familiar inicial da família Lamela Abud. A segunda é a pintura feita pelo Gabriel Abud Kleinlein de Aquino, filho da

minha prima Wanessa. Atualmente, ele tem dez anos, já sabe escrever, mas pediu para representar a família dessa forma, e quando conversamos sobre o seu desenho ele me explicou que pensou em fazer a árvore por que nossa família é muito ligada a plantas e natureza e por que ele estava estudando esse assunto na escola, árvore genealógica.





A quarta sequência de imagens, terá como foco Alfredo Nazir Abud, meu avô. Antes da mesma colocarei novamente dois papéis de seda, um com um desenho de minha autoria, imagem que me inspirei em uma fotografia de meu avô na mesa da cozinha, com os cotovelos apoiados, e os dedos entrelaçados, essa era uma posição clássica que conseguíamos tirar foto dele. E o segundo será uma carta que foi escrita por minha mãe, Walnira Lamela Abud, a escolhi por saber que ela (depois de minha avó) era a pessoa mais apaixonada por meu avô que conheço, por isso em sua escrita fala dele como a pessoa que o mundo da família Abud “gira em torno”, pois sua admiração por ele é tão grande que a fez focar nele.

A montagem fora feita pensando nas coisas que ele gosta, nas revistas em quadrinho de faroeste, onde retirei duas das imagens que foram coladas junto as fotografias. A primeira fotografia mostra uma das atividades que meu avô mais gostava de fazer, dirigir, como falado na carta ele adorava juntar toda a família e viajar, penso nisso como se ele quisesse compensar sua ausência, pois trabalhava muito viajando e quando retornava queria fazer atividades com sua família, deixa-los feliz. A imagem da estrada do quadrinho fora colada junto a fotografia por imaginar para onde mais meu avô teria ido se tivesse oportunidade, por que sempre que conversávamos seus planos não envolviam viagens muito distantes, pois sempre pensava que tinha que envolver, em seus planos, os seus 9 filhos.

Por isso a outra imagem é a dele com uma criança. Para representar esse amor e companheirismo que tem com a família, que foi passado para todos os netos e bisnetos, este por exemplo, é o neto mais novo de meu avô. Nasceu quando ele já estava com 84 anos e mesmo assim ele com toda paciência do mundo demonstrava, do seu jeito, o amor e carinho que tem por todos a sua volta.



Carta para recordar

Temos muito o que recordar de nossa infância e juventude. Lembra que quando eramos crianças papai tirava férias junto conosco em julho para que pudéssemos ir para Capoverde (15 dias) e Salinas os últimos 15 dias.

Íamos para Capoverde porque os nossos avós pais de papai moravam lá e papai não abria mão dessas férias porque o vovô ficava nos esperando ansiosos, ele sempre dizia que seus netos eramos nós filhos do seu filho, pois seu nome iria se perpetuar através de nós.

Os outros 15 dias íamos para Salinas, naquela época se falava que em Salinas havia uma lama milagrosa que curava qualquer doença, como nós temos uma irmã especial papai e mamãe iam atrás de cura através da lama, mas para nós crianças aquilo era uma festa, se lambuzar todo com aquela lama preta e depois cair na água gelgada da praia, nos divertíamos muito com isso.

Fora de época de férias papai sempre planejava viagens para os pais de um dia, dávamos os diólos de medangada e voltávamos os 16 diólos, tudo isso para nos fazer um grande significado, que era a presença constante de nosso pai e nossa mãe conosco.

Quando não podia de advertir de beber nos blocos no
 caso da companhia (Texas) que ficava com ele e nos domingos
 lá passava com a mãe e Memê na cidade.

Meu pai era incansável, vinha para a mãe e os 9 filhos.
 Ele fazia por nos todos, por ele todos os filhos chegariam
 a uma universidade, mas poucos realizaram seu sonho.

Devo dizer que quando passei no vestibular em odontologia mesmo
 sem muitas provas meu pai não deixou por nada faltasse
 para eu concluir o curso e assim eu realizei meu sonho
 de uma universidade.

Quanta saudade tenho de tudo isso, não espero que o
 tempo passe tão rápido e que nos seguirmos caminhos
 tão diferentes, mas uma coisa é muito legal, que apesar dos
 caminhos divergentes que cada um seguir o ponto de en-
 contro é e sempre será a casa do papai e da mamãe.

Walnice Pamela Abud.



Esta quinta parte foi dedicada a minha avó, acima coloquei algumas das medalhinhas de santos que encontramos em suas coisas depois de seu falecimento e nas fotografias quis representar a coisa que minha avó mais presava, a família. Na primeira imagem há algo muito raro, por ela ser de uma educação extremamente rígida, minha avó não sorria para fotos, assim como não se maquiava, não tinha as vaidades comuns que toda mulher tem. Mesmo assim percebo a beleza na imagem, simplesmente pela alegria que está sentido, ao lado de alguém que ama, seu primeiro neto.

Na segunda fotografia ela está com minha tia Walmira Abud, a tia adoentada da carta de minha mãe, minha tia era (mesmo com suas limitações motoras) a companheira de todas as atividades de minha avó, artesanato, terços, missas, etc. Percebia que minha avó a chamava para fazer tudo junto a ela pensando em não deixá-la ociosa, já que ela tinha esses problemas locomotivos, com o intuito de além de ficar próxima a minha tia, ajudá-la a não se sentir inútil. As duas faziam bijuterias e pinturas juntas e por isso representei com essa imagem de flor que minha avó pintou em uma bolsa que me deu de aniversário a alguns anos atrás.

A terceira minha avó está com o filho que todos falavam que era o favorito, Walnir Lamela Abud, era seu filho mais novo, engraçado e alegre. Em todos os momentos se encontrava deste jeito, tentando ver o melhor de todas as situações e sempre com um sorriso no rosto.

E antes deste conjunto de imagens se encontrará a carta do meu primo Wilhelm Abud Kleinlein, onde ele fala de seus temores e mudanças que ocorreram em nossa família depois do falecimento de meu tio Walnir (Nini) e minha avó Esmeraldina, Entendo perfeitamente os temores de meu primo, mas acredito que cada um tem que fazer sua parte para continuar os costumes da família, eu por exemplo estou tentando guardar os mesmos nessas páginas.

SOBRE A FAMÍLIA ABUD

QUERIDO BISAVÔ, HÁ TANTA COISA A DIZER, PORÉM VOU FALAR SOBRE UMA COISA QUE ME TRAZ BOAS LEMBRANÇAS, MAS QUE HOJE ME DEIXA PREOCUPADO, SÃO OS ALMOÇOS DE DOMINGO NA CASA DO VÔ NABIR E DA VÔ ESMERALDA.

QUANDO EU ERA CRIANÇA A NOSSA FAMÍLIA ERA MAIS UNIDA E NÓS REUNIÁMOS EM QUASE TODOS OS FIMÁIS DE SEMANA PARA ALMOÇAR, E O QUE EU MAIS GOSTAVA ERAM OS ALMOÇOS QUE CONTINHAM AS COMIDAS ÁRABES, COMO QUIBES (FRIO, ASSADO & CRU), CHARUTO, BERINJELAS RECHADAS E TABOLES. COM CERTeza É DAÍ QUE VENHO O MEU LADO COINHEIRO, O MEU GOSTO POR ESPECIARIAS, O GOSTO POR COMIDAS DO ORIENTE MÉDIO; ESPERO PODER UM DIA IR AQUELA REGIÃO (SÍRIA, LÍBANO) PARA PODER SENTIR OS AROMAS E SABORES DAS MINHAS RAÍZES.

HOJE EM DIA, EU TENHO UMA CERCA TRISTEZA, UM CERTO VAZIO, POIS APÓS A PERDA DO TIO NINI A CASA FICOU MAIS TRISTE. E HOJE COM A PERDA NESTE ANO DA VÔ ESMERALDA E COM A IDADE AVANÇADA DO VÔ NABIR (98 ANOS) JÁ NÃO TEM SAÚDE FÍSICA E MENTAL PARA ESSAS REUNIÕES TEMO QUE ISSO SE PERCA QUE ESSA UNIÃO QUE TINHAMOS DEIXE DE EXISTIR.

ESPERO QUE O QUE ESTOU RELATANDO AQUI SE REVERTA E QUE POSSAMOS UNIR NOVAMENTE ESSA FAMÍLIA QUE TEM O SANGUE QUENTE, QUE É CABEÇA DURA, ZERO PARA QUE O SENHOR, A VÔ ESMERALDA, O TIO NINI, E TODOS OS OUTROS ANTE PASSADOS NOS ELMINEH HOJE E SEMPRE. AMÉM

Wafael Abud Khatib



Na sexta parte inseri a carta de minha prima, Sabrina Abud, por ela ter descrito todas as memórias afetivas que tem com relação a cada integrante da família Lamela Abud, falou de forma muito apaixonada sobre sua infância e de todos os costumes particulares que nossa família tem, como comidas com nomes inventados. Que também eram formas de reunir a todos na cozinha da casa de minha avó.

Além da carta entrará antes do grupo de imagens uma mão com a pintura que é utilizada no dia dos casamentos árabes, no segundo dia da festa do casamento (os casamentos árabes duram três dias) mulheres solteiras da família ou alguém contratada, contudo a mesma não pode ser casada, fazem tatuagens de henna nas mãos e pés da noiva, pois acredita-se que essas tatuagens trazem fortuna e felicidade para o casamento, além de afastar os maus espíritos que podem atrapalhá-lo.

As imagens que foram escolhidas para essa foto colagem foram as fotografias de casamento, a primeira é o aniversário de casamento dos meus avós, comemorado todo dia 31/12, e para todos da família o evento era algo muito importante, pelo significado que ele tinha. Pois até seu falecimento percebíamos o quanto meu avô era apaixonado pela minha avó e a união deles acabava fazendo com que toda a família se mobilizasse para tal evento. Contudo, passamos dois desses aniversários sem a presença dela para comemorar e a partir desde ano de 2020, com o falecimento do meu avô, esse dia nunca mais terá a mesma importância.

A outra fotografia é do casamento de minha tia Waldira com meu tio Fred, casal que fora citado na carta da minha prima, e a renda fora colada por que, como falado anteriormente, um dos costumes introduzidos no nosso cotidiano é produção artesanal, principalmente de bordados que eram ensinados por minha avó, justamente como forma de preparação para o casamento.

Memória de Infância Família Alud

Minha infância foi marcada por maravilhosas lembranças, recheada de gostos, cheiros e emoções. E uma forma de olhar o mundo de maneira diferente. Embarque comigo nessa viagem direto do túnel do tempo, que transportará a singela e agradável recordação.

Lembro-me da infância e juventude com muito carinho, dos costumes de sentar na mesa para fazermos as refeições, todos juntos. Lembrando que o vovô e a vovó tinham seus lugares. Das brincadeiras com os primos (na barraca), com toda a cuidado do mundo para não queimar as plantas da vovó (KKK!)

Há, e as nossas viagens de férias para Marudã, sempre as rodas de conversa e vivas na memória, assim contadas pelo vovô e vovó, quando reuníamos na porta, como de costume.

Quantas saudades das famosas e deliciosas comidas árabes preparadas pela vovó, deu até água na boca, das tradicionais festas de final de ano, da tia Kira montando a árvore de natal e enfeitando a casa para tal acontecimento. São costumes que fizeram e fazem parte da nossa família, todos reunidos na cozinha para preparar

as comidas da via, das tortas salgadas, dos cremes de cupuaçu, dos canudinhos recheados e da famosa e tradicional "taça da felicidade".

Como não lembrar da tia Nira, que desde criança me influenciou a amar saltos, entrava em seu closet e me deliciava em calçar todos. Além de querer ser dentista por influência dela! Porém, minha vocação era ser professora, que amo e vou realizar no que faço!

Não poderia deixar de registrar meu carinho especial pelo tio Mike, um ser humano mais que especial, um cheiro de infância, nas férias era nosso patrocinador de fichas de dilhar, das famosas "orelhas" do Eduardo, que sinto o sabor do lembrar. Não assustem, era só um doce, que faz parte da minha infância. Entendedores, entenderão!

Tia Chiquita e Tio Fred, como referência de casal, no sentido de demonstração de carinho e afeto, leve isso para minha relação, até hoje. Sou grata pela influência; sem deixar de lado a famosa quaraquaque de quatizeruba, receita de infância, sempre patrocinada pelo Tio Fred, não faltava. Lembrando que essa receita nem eu barbeiras, vinda para Cuiabá (MT).

Quantas lembranças marcantes pude descrever até então, minha palavra-chave não poderia ser outra: *snatidão*:

a Deus, por conceder ter nascido em uma família abençoada.

Aos meus pais, que amo do infinito e além! À minha mãe, sempre batalhadora, amiga e guerreira.

Ao meu pai, meu eterno herói, que estará sempre vivo em meu coração, te amo sempre e para sempre!

Meus avós e padrinhos que tenho um respeito imenso! Ao meu avô, pessoa íntegra, um exemplo de homem. A minha avó, sempre companheira, fiel e religiosa. Hoje está cuidando com muito carinho do meu querido e amado pai e meu amado tio Nini, que foi um cara que contagiou a todos com sua alegria. Confesso, pareço com ele também.

A tia Mira, que sempre foi carinhosa comigo e tem uma até hoje falando meu nome: "Oiii Salminaaa" minha sobrinha querida!

Ao Tio Waldir, sempre caladão, na dele, porém com um coração gigante e sempre batalhador.

Ao Tio Walfredo, sempre muito carinhoso e que me deixou um dos meus "sonhos" de juventude, o de ganhar um tênis de marca. KKK

Aos meus tios e tias que de uma maneira ou de outra influenciaram na minha trajetória e contribuíram para a minha construção como ser humano.

A cada um dos meus primos e primas, deixo um imenso agradecimento, por terem feito da minha infância e juventude uma aventura deliciosa de ser recordada.

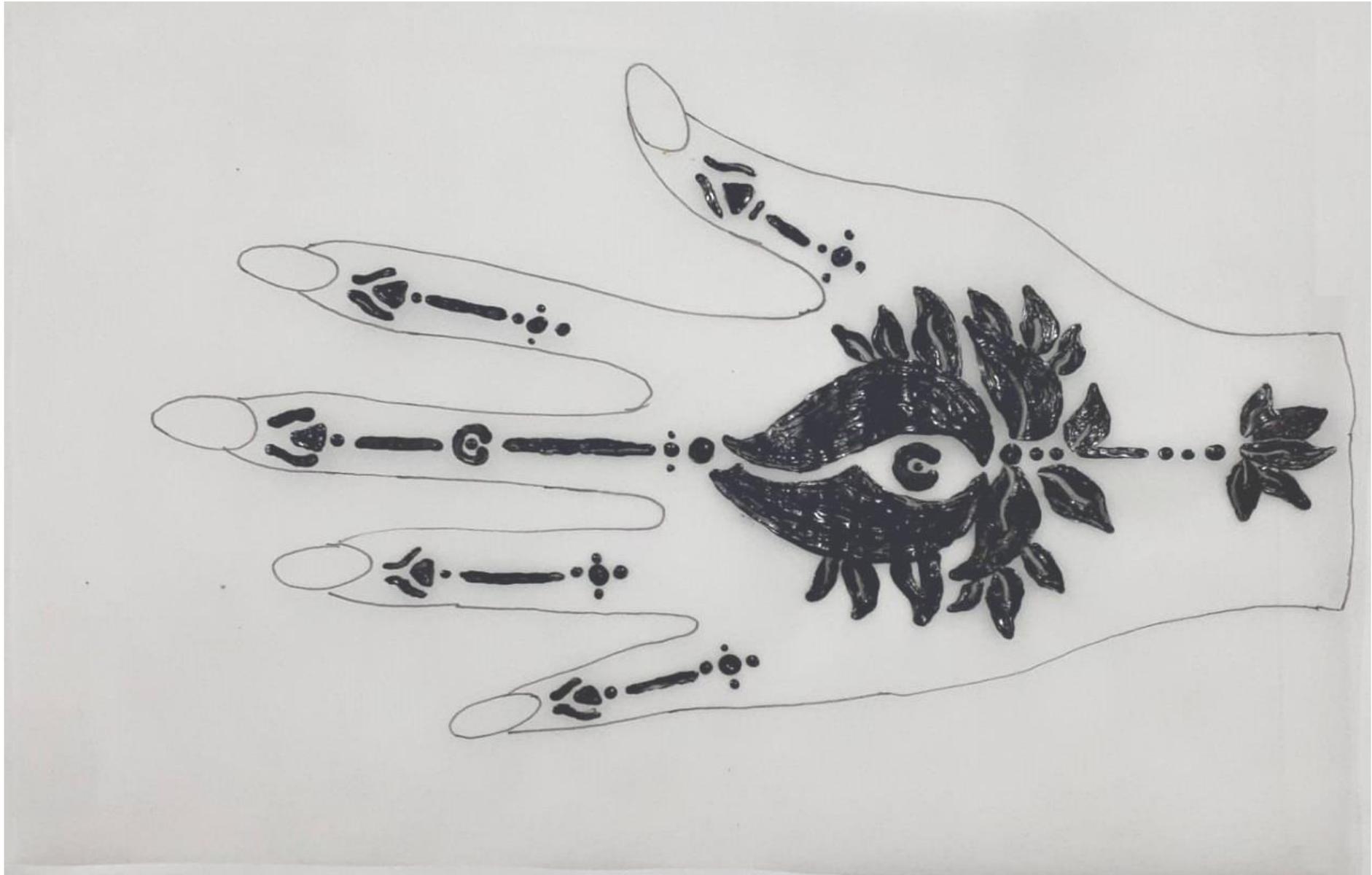
Aos meus avós, como não ser grata eternamente, por terem feito parte de forma sólida, concreta e referênciada de família para mim.

Aos meus pais, serei eternamente grata por tudo que vocês dedicaram a mim. Tenho orgulho de ser filha de vocês, e muita admiração pelo que Deus me concedeu. Obrigada por tudo. Amo vocês!

As minhas amadas irmãs, que contribuíram e contribuem até hoje de maneira efetiva, com companheirismo e amor, amo vocês e sou muito grata por estarem comigo em todos os momentos da minha vida! As Abudetes do papai!

Sou grata por ter nascido em uma família que seu lema sempre foi "um por todos, e todos por um."

Quantas experiências passamos juntos, aprendizados levados para a vida toda, deixei registrado o meu carinho por cada um. Amo vocês com amor, Sabrina Abud





uma imagem antiga, nela só não se encontra meu tio mais novo, pois minha avó ainda estava grávida do mesmo. Quando olho para essa imagem penso que ela poderia ser a representação de qualquer família dessa época, pois se ela não estivesse especificamente nesse álbum só iríamos observar a posição das pessoas, com os patriarcas da família sentados para ficarem de forma linear com as crianças da foto, assim como para mostrar a posição deles na família, que eles são os que cuidam e não os que são cuidados, a vestimenta da época, onde com certeza utilizaram as suas melhores roupas para tirar a foto, observando também a cor das roupas, quase todos estão de branco e somente a esposa e uma das crianças estão de roupas de outra cor, os maiores atrás, os menores na frente, ou seja, não conseguimos identificar exatamente que família ela representa, mas sim a sua época.

Na segunda e terceira imagem a questão da especificidade da família Lamela Abud fica mais evidente, a partir do momento que na segunda a imagem fora feita dentro de uma igreja, mostrando não somente a questão da união dos elementos expostos na imagem, mas sim da religiosidade dos mesmos. E na última coloco um dos momentos de maior união não somente dentro desta família retratada, mas um momento de união universal, que é as festas de fim de ano, que para nós é um dos momentos mais esperados, pois é quando todos se reúnem, familiares que moram fora vem para Belém, para podermos comemorar. Fora adicionado a pintura estilizada por mim da bandeira do Líbano, que tem como figura central o cedro, que já expliquei anteriormente seu significado.

Penso que a foto de uma grande família reunida, suspensa na parede ou presa nas páginas de um álbum, pode ser vista como uma imagem que narra; nela reside uma mensagem cheia de códigos, adormecida, à espera de leitura e desvendamento. De outro modo, a mesma foto descrita nas palavras de um membro da família, alguém capaz de narrar às sutilezas psicológicas que a tornaram possível, com suas implicações emocionais, na alegria ou na surpresa dos reencontros, pode ser vista mais uma vez como uma imagem que narra, mas com a enorme carga de histórias e lembranças que suscita passa a ser também a imagem que recupera e reinventa a figura do narrador.

Antes desse grupo de imagens decidi por a carta imagética feita por um primo Rafael Abud Kleinlein de Aquino, filho mais novo da minha prima Wanessa, ele fez nossa família comemorando o natal, perguntei para ele o por que ele fez essa imagem, o mesmo respondeu que gosta muito dessa época do ano, por que ganha muitos presentes.





Este oitavo conjunto de fotos, mostro o que a minha família mais gostava de fazer juntos, viajar. Em duas das três imagens os netos ainda não existiam, meus avós eram muito novos e ainda só tinham os filhos. Quando perguntei a história dessas fotografias a que me contaram foi de muitos “pregos” na estrada com o carro da Texaco (empresa que meu avô trabalhava) e de amigos que gostava de levar comida para a praia e fazer aquela “farofada”, contudo, essas lembranças não foram ditas como algo triste, muito pelo contrário, interpretei como momentos de muita alegria e descontração. Sendo assim ao redor das imagens, como a temática é viagem para praia, inseri desenhos de colchinhas do mar que era algo que gostava muito de pegar na praia junto com meus primos.

Antes das imagens colocarei a carta imagética da Alice, filha do meu primo Wilhelm Abud Kleinlein, o desenho representa uma família passeando em um dia de sol, achei bem representativo dos dias que passamos quando íamos para Marudá - Pa. O que mais lembro dessas viagens além do meu tio Frederico cantando a noite para mim e da casa mal assombrada do vizinho, como já falei anteriormente, é nossas caminhadas para a praia e o retorno para a casa que ficávamos, passávamos sempre por um caminho estreito cheio de mato ao redor, na ida era sempre normal, íamos uns atrás dos outros em uma linha indiana, como se tivéssemos nos organizado realmente para fazer aquilo, mas a volta que era o melhor momento, pois sempre voltávamos a noite, e como o local era mal iluminado conseguíamos observar o céu, parecia um mar de estrelas, que me encantava, justamente porque na cidade não consigo vê-las por ser muito iluminada.

Outra situação muito marcada, em minha memória, era que minha irmã sempre imitava o jeito de andar do meu pai pelas costas dele, fazendo todos que estavam perto rirem, os primos adoravam, pois era motivo de ir rindo o caminho inteiro. Ele tinha as pernas meio arqueadas, típicas de pessoa baixinha que teve má formação nos ossos, por na infância alguém ter feito muito o mesmo ficar pulando bastante, antes mesmo da calcificação dos ossos. Até o dia que meu pai virou na hora que ela estava imitando-o, todos riram da cara de desespero dela e nunca mais ela o imitou.





Neste oitavo conjunto de imagens escolhi representar os filhos dos meus avós, contudo como eles são muitos fica difícil, na verdade impossível organizar as imagens em só uma página, por isso coloquei em duas. Tentei mostrar cada um em sua particularidade, no seu próprio mundo, com suas famílias ou fazendo algo que sei que gostam ou gostavam de fazer.

Mesmo ainda não tendo filhos, imagino que um filho é como a estrela mais brilhante do céu, por isso coloquei estrelas feitas com dobraduras de papel pintadas cada uma de uma cor, mostrando assim que cada um deles é único.

E para a carta que vem antes da sequência de imagens escolhi a carta da minha tia Walquiria Lamela Abud, por ela ser a pessoa que até os dias atuais cuida da família, ela que acabou ficando com a missão de cuidar da cola da família (meu avô), e por isso tem um papel fundamental na vida de todos, sempre cuidando, aconselhando, abrindo as portas da casa da minha avó, mesmo para aqueles que se afastaram por vontade própria ou por situações de conflito, ela que sempre organiza as festas, ou seja, tentando promover a união. Além disso, percebo na carta da minha tia que ela tem um apego afetivo muito grande pela história da família e em especial pelo vovô e a vovó, justamente por ser a pessoa, que estava todos os momentos, ao lado deles.

Quero agradecer aos meus pais tudo que eles fizeram por nós, eu lembro vagamente que iamos para casa do vovô (José Abud) e vovó (maria Abud) nas férias nós e nossos primos que moravam lá aproveitávamos bastante, a casa deles tinha uma sala grande e três quartos e a cozinha tinha um fogão de lenha, uma mesa que era lá que todos nos almoçávamos e o quintal do vovô era imenso tinha muitas frutas, quando os meus avós faleceram nós só iamos as vezes.

Já que não tinha mais eles o nosso pai sempre gostava de nós levar para ~~praia~~ um final de semana e nós iamos alegres e satisfeitos com aquele passeio e o papai nos levava no carro da TEXACO era da firma onde ele trabalhava, ele e a mamãe com a vovó Eliza que era a mãe da mamãe, iam na frente e nós iamos atrás eu e meus irmãos todos felizes pelo passeio que nós fazíamos.

Aos domingos quando ficávamos em Belém nos passeávamos na cidade mesmo ele nos levava por onde trabalhava e por lá tinha lombada e nos dizíamos quinze pence quando passávamos era tão divertido.

O tempo foi passando quando foi um dia o papai teve que viajar e fizeram uma proposta para ele passar 4 anos em MACAPÁ e nos tivemos que ir, os cinco menores que eram Walmira, Walquiria, Waldir, Walmir e Walpir, quando nós chegamos lá e a minha mãe viu o aeroporto ela disse para o papai "é nessa cidade que nós vamos viver". Pra falar a verdade foram os 4 anos mais maravilhosos que vivemos.

Papai era um homem que adorava ler, e a minha mãe fazia de tudo em casa. Depois os meus irmãos casaram e só ficou os cinco menores minha vó Eliza faleceu e quando foi um dia eu descobri que estava com câncer, minha mãe ficou muito triste, ela não acreditava que a filha dela estava com essa doença, mais eu chequei perto dela e disse não fique assim nós vamos enfrentar isso tudo juntas, tenha fé que isso vai passar, e meu pai não falou nada ficou calado pensando, esse era o feito dele de enfrentar tudo que estava acontecendo. Devido a minha doença minha mãe fez uma promessa que se eu não tirasse o seio todo ela iria na missa todo os dias, até sua doença ela não parou de ir para a igreja.

Quando foi um dia eu falei pra ela mãe não precisa ir pra missa todos os dias a senhora já compriu sua promessa e ela disse não filha eu quero ir, como ela estava ficando com mal de Parkinson ela deixou de fazer o que mais ela gostava que era fazer os artesanatos dela e isso foi acabando com ela, mamãe era uma pessoa que não gostava de dar trabalho pra ninguém, como ela comentava que estava me dando muito trabalho eu dizia pra ela que os valores estavam invertidos agora era a minha vez de cuidar dela.

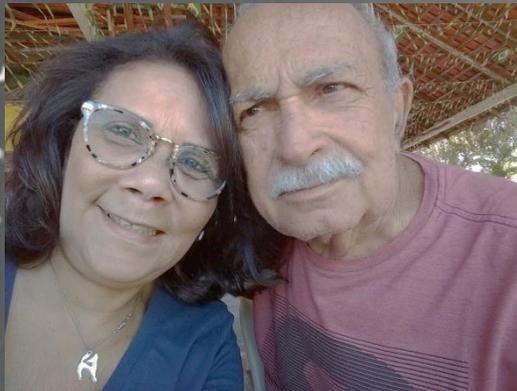
Mamãe foi chamada para junto de nosso pai celestial e apesar de todos os acontecimentos papai está sem saber da realidade do que aconteceu.

Antes de partir ela perdeu dois filhos o mais velho e o mais novo que era o cacula e meu pai com a morte do meu irmão cacula entrou em depressão que quase nos o perdemos. Mãe mal se desesperou achando que ele iria morrer mas graças a Deus isso não aconteceu.

Agora vivemos com a saudade que ela deixou, mas com a certeza de que ela está bem perto de nosso Pai celestial.

Walquíria Lamela Abud.





E a nona e última parte quero falar de amor, amor de uma família que é imperfeita, mas que se aceita e convida com companheirismo até os dias atuais. É muito difícil estas sempre perto, é difícil apoiar em tudo, principalmente quando o assunto é política ou futebol, contudo na hora que as piores situações acontecem é que conseguimos ver quem realmente está ao nosso lado.

Tem alguns que praticamente só encontramos em velórios, qual momento mais difícil podemos passar, que a perda de uma pessoa querida? A fome passa-se comendo, o frio se agasalhando, mas a morte é algo irreversível, e que se não tivermos uma base de apoio podemos chegar à loucura, e é nessas horas que percebemos o quanto precisamos das pessoas, não somente da família, mas de qualquer um, nem que seja para dá um abraço calado.

Por isso falo com todas as palavras, AMO MINHA FAMÍLIA, amo ir aos fins de semana para ficar sentada na porta somente batendo papo, amo almoçar com todos falando ao mesmo tempo parecendo que tá acontecendo uma briga muito feia, amo as crianças gritando e correndo dentro da casa da minha avó, amo chegar e ficar toda arranhada pelo cachorro, amo ser a que têm que lavar a louça, batendo papo com que vai enxugar, depois do almoço, por que não fui eu que cozinhei, simplesmente amo as imperfeições que pra mim é perfeita. Dessa família que não têm mais quase nada da cultura árabe em seu cotidiano, mas que se orgulha de onde veio e chegou.

A última carta será a do meu primo Bruno Abud, pois ele conseguiu expressar com uma beleza única o significado da palavra FAMÍLIA.

Acho que eu não preciso explicar muito sobre o significado de família, basta saber que é onde nossa história começa. A família é a nossa base para o resto das nossas vidas, pois sei que existe diversas exceções. Não é todo mundo que tem a oportunidade de crescer e ter uma família para acolher. Já eu tenho, ou melhor, tenho a sorte de ter mais de uma família, famílias que me alimentaram, me deram carinho e de alguma forma contribuíram para o meu desenvolvimento e para que eu não tubiarre minha jornada atrás dos meus sonhos. Em especial a família Daud, onde nasceu meu pai, Waldir Daud, e de quem herdei o sobrenome.

O meu pai foi uma figura muito importante na minha vida, pois ele fez o meu porto seguro até a minha maior idade. Foi o equilíbrio no meu processo de desenvolvimento. Formou minha visão de mundo e me preparou para enfrentar as lutas diárias da vida, permitindo meus possibilidades. Também teve grande relevância no período da minha adolescência, que foi uma fase turbulenta e transformações psicológicas e comportamentais.

Existe um ditado que diz que família é tudo igual e o que muda é somente o endereço, este ditado é verdade. A família Daud não é qualquer outra família, tem seus problemas, discussões, diferenças de opiniões e vários atritos, porque família de verdade tem tudo isso e mais um pouco. Mas acima disso, os nossos familiares são as pessoas mais requilantes em nossa vida, no dia a dia e acastigamentos, e mesmo que eles não sejam perfeitos, nas horas extremas, eles se juntam para que tudo faça sentido e se tomem menos doloroso. São os abraços suportam as angústias e apagam os choros.

Portanto, não podemos deixar que o laço que une a família seja fraco, pois o perdão, reconhecer os erros, dizer e ser ouvido devem ser mais importantes que as distâncias. Família é mais do que amigos e nossa volta, é estar perto do sentimento verdadeiros. E de alguma maneira surgir, firmes que não estamos machucados, pois vale mais uma família agitada, do que distâncias e silêncios das pessoas que dizem ser parentes.

Bruno Daud



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os fatos mencionados, penso que relacionar as temáticas lembrança, morte e esquecimento é algo válido, pois as três tem muita relação principalmente após a morte de alguém, por que com a morte, se algum parente ou pessoa próxima não continuar preservando as memórias com o tempo a pessoas é esquecida totalmente, como se nunca tivesse existido, e por isso elaborei o álbum/objetoartisticográfico, para de uma forma poética e artística, lembrar as histórias, dessa família, FAMÍLIA ABUD, que fez pelo menos um pouco, parte da história da construção da cidade de Capanema e até do próprio estado do Pará, como o conhecemos atualmente. Um estado alegre e acolhedor que desde muito cedo sempre recebeu as pessoas de fora de braços abertos, dando uma nova vida, assim como meus bisavós puderam ter, que vieram praticamente com a roupa do corpo e deixaram aqui uma família com 9 netos, 14 bisnetos e 11 tataranetos, todos os que são adultos trabalham, nunca se meteram com problemas jurídicos ou qualquer outro tipo de confusão, herdaram o sangue trabalhador e quente deles, que não levam desaforo pra casa, mas que tentam sempre viver na política da boa vizinhança. Já escutei pessoas falarem da minha família de tal forma “- Fui almoçar na casa da avó da Patricia, de repente começou uma briga estranha, pensei que estavam brigando mesmo, mas no final, um virou para o outro, se despediram, e falaram, até amanhã” e realmente somos assim, espero que com a partida dos meus avós isso não mude, pois muita coisa já mudou nesse ano de 2020. Várias situações, me fizeram pensar em desistir de terminar esse trabalho, como por exemplo, a pandemia, a morte do meu pai, a morte do meu avô, os problemas para recolher as cartas, a distância da família, não poder abraças, beijar, tocar, tudo isso fez mal. Mas aqui estou escrevendo minhas considerações finais e esperando que meu trabalho tenha sido, não somente satisfatório, mas que faça alguém refletir o quanto é realmente importante guardar memórias.

REFERÊNCIAS

AIRES, Philippe. **Sobre a História da Morte no Ocidente: Desde Idade Média**. Tradução: Pedro Jordão. Lisboa: Torema, Lda, 1989.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERGSON, Henry. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BUCHABIQUI, Jorge Alberto. **Das civilizações à imigração Libanesa: Um pequeno resgate histórico**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular. História e Imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CATROGA, Fernando. **O céu da memória – cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal -1756-1911**. Coimbra: Minerva, 1999.

_____ **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar** / Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol; Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petropolis, RJ. Ed. Vozes, 1996.

DRALONGE, Richard N. (2008). **Economics and Geopolitics of the Middle East**. New York: Nova Science Publishers, 2008.

FEITOSA, Charles. **Explicando a Filosofia com Arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. In **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). **Imagem e memória: ensaios em antropologia visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

MEU Primeiro Amor. Direção de Howard Zieff. Flórida, Columbia Pictures. 1991. 1 DVD (102 min.).

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1970.

PEIXOTO, Clarisse Ehlers. **Imagem e Memória: Ensaios em Antropologia Visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

OSMAN, Samira Adel. **Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica migratória o história oral de vida**. Universidade de São Paulo, 2006.

REIS, João José. **A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES. José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

RUBY, Jay. **Retratando os mortos**. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). **Imagem e memória: ensaios em antropologia visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

SALDANHA, V. **A psicoterapia transpessoal**. 2ª. Ed. São Paulo: Rosa do Tempos, 1999.

SEGAL, Hanna. **Arte e posição depressiva**. In Hanna Segal. **Sonho, fantasia e arte**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SEGAL, Hanna. **A imaginação, o brincar e a arte**. In Hanna Segal. **Sonho, fantasia e arte**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. **Usos do Esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

ZAIDAN, Assaad. **Raízes Libanesas no Pará**. Belém - Pa: Semear, 1989.

Anexo1:

Carta para bivô José,

Natividade, To 14/11/2020

Quando pensei em escrever uma carta para o senhor imaginei o que eu gostaria de contar, mais ultimamente não ando pensando bem, só ando sentindo, meus sentimentos estão muito mais importantes que meus pensamentos, pois quanto mais penso mais sofro, estou escrevendo essa carta hoje para a mesma fazer parte da minha dissertação de mestrado, que tanto quis fazer, e agora, não sei exatamente nem se a continuidade dele faz algum sentido, não por não ser mais algo importante pra mim, mais por que não saber se amanhã ainda estarei nesse plano, se não estarei na verdade ai no plano espiritual do lado do senhor e de todos os nossos familiares.

Esse ano esta sendo um ano muito triste, muita coisa aconteceu, na nossa família, na cidade, no estado, no pais, na verdade no mundo, o senhor ai do outro lado já deve esta sabendo de tudo, por que está cada dia chegando mais gente, gente perdida, triste porque deixaram seus familiares, porque deixaram filhos praticamente abandonados, mas estamos todos aqui tentando sobreviver, porque viver esta difícil.

O que mais queria nesse trabalho era conta a história da nossa família não somente por ter orgulho da nossa história e por todas as lutas que o senhor e o vovô passaram para construir ela, mas por que acho que toda família tem algo para ser deixado, e infelizmente ou felizmente a imagens fotográficas é um dos objetos mais utilizados para se fazer isso, por ser um objeto de auxilio no não esquecimento da imagem daqueles que não estão do nosso lado, seja a pessoa ainda estando viva ou não, e a única imagem que tenho sua é no caixão, sei que não é uma imagem agradável de guardar como lembrança, mas é uma parte da sua história e da história da nossa família, e por isso vejo a mesma como algo belo, como uma beleza trabalhada através de conhecimentos do fotografo que a fez, mas é bela.

Eu tenho um sério problema bivô eu faço fotografias mentais, não preciso exatamente de uma máquina fotografia pra lembrar de um momento, so que os momentos que lembro não são felizes e tento através da imagem lembrar de momentos felizes

da nossa família e por isso eu preciso esta sempre olhando a imagem fotografia pra lembrar desse momentos, para não pirar mesmo, para não adoecer. Só para o senhor ter uma ideia, esse ano foi o pior da minha vida, não porque fiquei presa em casa por causa desse vírus, mais porque fiquei presa dentro de mim, como se estivesse no fundo de um baú.

Meu pai foi para ai pro plano espiritual esse ano também, e foi tudo muito der repente, não que ele estivesse bem, não, ele estava doente, muito doente, mais a esperança sempre me fazia pensar que ele uma hora ficaria bem. Que ficaria bem velhinho, que eu ia ter que aguentar ele rabugento e ia limpar a baba dele. Mas não foi isso que aconteceu, a morte dele me fez ficar com a imagem mais doida que já tive na minha vida, nunca imaginei que veria ele morto, em minha casa, estou trabalhando com relação a essas lembranças com minha psicóloga, mas esta sendo difícil esquecer, por que o papai inventou de ser cremado, e isso é a pior lembrança que um filho pode guardar de um pai, e tenho certeza que o contrario também aconteceria.

Esse foi com certeza o pior dia de toda a minha vida, por que além de ter que passar por todo o sofrimento do dia do falecimento dele, do susto com o telefonema com a noticia, a ida pedindo a Deus pra casa, pra que tudo tivesse sido um engano, chegar ver que era verdade, passar a noite em claro ao lado do corpo da pessoa que tu tanto amas, não por que foi programado geneticamente para amar, mais porque a relação de amor e carinho foi construída durante esses meus 33 anos de vida, pensando que essa noite será a ultima que tu realmente terá o corpo presente desse familiar, e com pessoas que não paravam de falar “MEUS PÊSAMES”. Ter que voltar dias depois para reconhecer o corpo que não foi para dentro de um buraco, mas sim de um frizer, e pensar que aquele poderia ser o momento de despedida dessa pessoa e na verdade tudo que você tinha pensado, idealizado, cai por terra quando o corpo chega todo ensanguentado por o tempo do apodrecimento do mesmo está correndo. E com isso o que poderia ser um momento de despedia se torna os piores 5 minutos da sua vida, por ver aquele ente querido daquele jeito, e depois, presenciar um cara, que tu sabe que trabalha naquele lugar, mas que trata aquela pessoa como qualquer outra, mais você sabe que não é qualquer pessoa é a pessoa que você ama, empurrar pra dentro de um forno enorme com um barulho ensurdecador, o corpo presente que a partir dai se torna ausente, o que te faz pensar um milhão de vezes que você preferia ter uma fotografia artística ao lado do caixão do seu pai do que ter que passar por esse processo todo novamente.

Pois é bivô, passei por tudo isso em menos de uma semana nesse ano, e depois disso percebi que tinha que cuidar da minha mãe, sua neta, ela passou muito mal com a partida do papai, ficou muito triste, e tudo piorou por que o vovô adoeceu, seu filho, foi internado por causa de uma infecção urinária, e durante o mês da internação do vovô, eu tive que ser forte, tomar a frente de muitas coisas, não pude ter luto, não pude mostrar como estava, que estava triste e adoentada psicologicamente, por que a mamãe precisava de mim. Resolver situações no cartório, no trabalho do papai e no banco, foi o que mais tomou meu tempo e me desgastou, pois cada vez que ia resolver algo do tipo sentia como se estivessem enfiando uma faca no meu peito e me fazendo lembrar e reviver tudo o que vive em função do falecimento dele.

E ai no dia 01/04 o vovô também foi para ai pro plano espiritual, como um passarinho, morreu dormindo, muito velhinho 99 anos, anos bem vividos, o que me fez pensar no por que mais sofro com a partida do papai, meu pai era novo, só tinha 62 anos, ainda poderia ter vivido muita coisa, ter me visto casar, ter aproveitado os seus netos, aproveitado sua aposentadoria viajando, ter finalmente curtido a vida depois de tantos anos trabalhando para nos dar uma vida boa, descansar finalmente, por que trabalhava desde os 6 anos de idade, pois quando era criança a família passava fome e pra conseguir ajudar os pais ia vender na porta do cemitério manga, que por sinal pegava dentro do mesmo. Não consigo ficar triste realmente com a partida do vovô, não por que ele era menos importante na minha vida, mais por que ele estava muito velhinho. Espero sinceramente não ser julgada nunca pelo senhor, nem por ninguém por isso, e que todos estejam bem e juntos, cuidando uns dos outros.

Até um dia biso, com carinho. Patricia Abud